Para todos...

Todo individuo previdente deve mandar examinar a urina uma vez ou outra. Muitas vezes o individuo se apresenta optimamente bem disposto e, no emtanto, um mal sorrateiro lhe ataca os rins ou a bexiga. Quando não fôr possivel mandar examinar a urina, deverá tomar, como preventivo, durante alguns dias seguidos, 2 a 3 limonadas de Helmitol Bayer, por dia.

Deste modo limpará as vias urinarias de provaveis hospedes perigosos.

Ha muitos e muitos medicos que fazem uso systematico do Helmitol com esse fim preventivo.

HELMITOL BAYER

Convem não esquecer

São muito conhecidas no Brasil as pomadas de enxofre para o tratamento da sarna e de outras coceiras. Todas ellas, no entanto, são irritantes ás pelles sensiveis e, sobretudo, á pelle delicada das crianças. Frequentemente essas pomadas complicam o tratamento da sarna, devido ao apparecimento de uma dermatite causada pelo enxofre. Não sendo conhecida a causa desta complicação, o paciente redobra as applicações da pomada e, mesmo, institue, erroneamente, um tratamento mais energico, com resultados ainda mais desastrosos. Surgem placas diffusas de dermatite que se propagam mesmo ás regiões não affectadas pela sarna.

Convém, portanto, evitar taes pomadas, usando de preferencia o Mitigal Bayer, liquido de uso asseiado, livre desses inconvenientes, dotado da virtude de curar a sarna em dois ou tres dias, apenas, e que serve, ainda, para combater qualquer coceira provocada pela sarna, carrapatos ou piolhos, bem como frieiras e certas doenças parasitarias da pelle.

O CIMENTO ARMADO DO ORGANISMO HUMANO

Póde-se dizer, sem receio de errar, que os saes de calcio representam, no organismo humano, o papel do cimento empregado nos edificios modernos. Basta o organismo humano desprover-se da indispensavel quantidade de saes de calcio para elle ficar em estado de menor resistencia.

Os ossos constituem as partes duras do corpo e representam o arcabouço sustentador das partes molles. O organismo precisa se abastecer constantemente de calcio para que o esqueleto se mantenha forte. O menor "deficit" neste elemento manifesta-se, logo, pelas caries dentarias e, nas crianças, tambem pelas fracturas osseas; bem assim nos adultos e nas crianças por muitas outras manifestações como sejam: fraqueza, insomnia, nervosismo, desanimo, palpitações nervosas, diminuição da memoria, etc.

Para combater este "deficit", muito commum em certas regiões do Brasil, onde os alimentos são pobres em saes calcareos, o melhor "medicamento-alimento" é a Candolina Bayer que constitue o verdadeiro cimento armado para reforçar os edificios de carne e ossos.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

A Loura de olhos azues

Roberto tornou a lêr a carta-pneumatica que dizia: "Os Altamira pedem-me que te convide para o baile de hoje. Espero-te. em casa. — Ernesto". Iria ? A verdade era que se achava fatigadissimo, com muito mais vontade de descansar, do que de ir a uma reunião social. Mas, se não acceitasse commetteria uma dupla desfeita: aos Altamira e a Ernesto. E, como Roberto era incapaz de uma indelicadeza, esqueceu a fadiga e apressou-se em mudar de roupa, para se dirigir á esplendida residencia de Belgrano, onde se realizava a festa. Emquanto dava os ultimos retoques á sua indumentaria, o brilhante doutor Roberto Angulema pensava sobre o hoje e o amanhã de sua vida.

Havia poucos dias que obtivera o seu diploma, ponto final de uma época inquieta de estudante provinciano, transplantado a esta grande cidade de alluvião. Uma vez formado, viu-se em frente ao problema do futuro, desorientado, indeciso. E teve medo. Por isso, acceitou como uma taboa de salvação o thesouro de amizade e de conselho que lhe offereceu o seu amigo Ernesto.

— Aqui, em Buenos Aires — dissera-lhe elle — espera-te a via-crucis de todo o noviço, além da ameaça de um possivel fracasso. Porém, fóra, o inicio de tua carreira será mais favoravel. Vae para o interior. Muitas das celebridades modernas começaram como medicos ruraes. E's moço, quasi um menino. Pódes lavrar-te uma situação dentro de poucos annos, e depois terás direito a intentar, com maiores probabilidades, o teu estabelecimento na capital.

Roberto concordou. Entretanto, bem merecia umas férias, que aproveitaria para conceder ao seu espirito juvenil uma boa dóse de distracções, de optimismo e de prazer.

Ernesto, como sempre, seria o encarregado de lhe proporcionar essa opportunidade. O velho camarada fez honra á confiança nelle depositada. Roberto vivia em constante actividade, fazendo uma vida social intensissima, que o recebimento acolhedor, ao seu titulo e á sua mocidade, faziam ainda mais grata e invejavel.

Quando terminou de se vestir, aquelle seu ar de fastio e de cansaço tinha desapparecido. Tornava a ser o de sempre: risonho, garboso, elegante.

Accendeu um cigarro, tomou a bengala e o chapéo, e sahiu.

A aristocratica mansão resplandecia de luz e belleza. As silhuetas femininas eram o adorno mais formoso em todo aquelle esplendor de bom gosto que constituia a festa. Roberto não conhecia ninguem. Dias antes, fôra apenas apresentado aos donos da casa.

O joven medico contentava-se sómente em embriagar-se de luz e devorar com os olhos aquelle magnifico certamen de bellezas.

Mas, entre todas as mulheres, uma formosa loura, esbelta, dona de grandes e suaves olhos azues, attrahia-o de preferencia. E a sua persistencia em admiral-a não lhe passára despercebida. Ella tambem retribuia essa muda admiração do bello esculapio.

Um episodio banal — a quéda de uma flor que ella trazia ao hombro, e que elle se apressou a devolver-lhe — déu-lhe opportunidade de se apresentar.

— Alice — disse ella, quando teve tambem que se apresentar, ao mesmo tempo que se apoderava do braço de Roberto, com um adoravel sorriso.

Dansaram pouco. Depois, lentamente e em animada conversa, afastaram-se em direcção á "terrasse", onde as palavras delle adquiriram calor de affecto e amor, e onde os sorrisos della foram mais frequentes e generosos.

Quando terminou a festa, Alice conhecia, atravez de uma leal confissão, todos os detalhes dos vinte e cinco annos da vida de Roberto. E elle só conhecia, della, o nome — Alice — e só sabia de uma verdade: o seu amor pela formosa loura. Solteira ? Casada ? Noiva ? Nada. Ella mesma lh'o prohibira averiguar.

— Conforme-se — dissera-lhe — com abrigar a certeza de que posso amal-o.

Ao retirar-se, não acceitou a companhia que lhe offerecia Roberto, e este viu que ella fitava os olhos num rapazinho louro, imberbe, a quem pouco depois dava o braço, e juntos, se abrigavam no interior de um auto fechado.

Concurso Nacional de Belleza
Senhorita Isabel Ferreira Pinto, uma das mais votadas em Villa Isabel.

Tres mezes depois daquella noite, Roberto continuava em Buenos Aires. O feitiço daquella loura de olhos azues poude mais que todas as insinuações de Ernesto, e o povoado para onde tencionava seguir, esperava ainda o seu medico

— E aquelle rapazinho louro ? — perguntou elle, pela centesima vez

— E' uma pessoa a quem amo — respondeu ella — mas a quem não posso amar como noiva, nem como esposa, nem como amante.

— Mas, quem é ?

— Um rapazinho louro — accrescentava ella, sorrindo e unindo os labios aos delle, como que o convidando a não perguntar mais.

Uma tarde, o nosso joven medico resolveu-se a jogar a ultima cartada

— Ouve, Alice: tu sabes, e eu confesso, que te amo com loucura. Não posso imaginar a minha vida sem o teu carinho. Não saberia dar um passo, sem a tua companhia...

— Encantada ! Sou toda tua, e retribuo esse amor com toda a minh'alma. Não és feliz ?

— Não !

— Por que ?

— Porque não me habituo a este amor de aventura. Quero te amar com muito mais honradez.

— E para isso precisas saber a verdade ácerca de minha vida ?

— Mais. Preciso fazer-te minha esposa. Acceitas ?

— Não posso, ou antes: não devo.

— Então, é falso o amor que me dedicas.

— Cala-te. Algum dia saberás comprehender-me

— Nunca !

— Offereço-te o unico amor que te posso dar, Roberto. Não insistas, peço-te. E' impossivel

— Repito que não sei amar-te assim, Alice

— Que queres dizer ?

— Que depende de ti a solução: ou minha, sem segredos, lealmente, ou

— ...dar fim á aventura, não é assim ?

Roberto calou-se. Alice sorriu com amargura. Approximou-se delle, acariciou-lhe os cabellos, separou-lhe as mãos do rosto e beijou-o gulosamente nos labios, nas faces, nos olhos...

Concurso Nacional de Belleza
Senhorita Maria Gomes, segundo logar em Uberaba

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.° andar, salas 86 e 87.

Por João Manoel Neyra

— Amanhã eu te falarei por telephone. Até sempre, Roberto

E foi embora. Nos grandes e suaves olhos azues, as lagrimas estavam quasi a transbordar.

Essa manhã não chegou. Alice não tornou mais a falar E após um mez de inuteis averiguações, depois de dolorosos periodos de angustia, Roberto decidiu-se a seguir os conselhos de Ernesto.

E seguiu para o interior.

Rugindo como um monstro asthmatico, o grande comboio chegou á estação.

Ernesto, então, approximou-se do vagão, de onde desciam já Roberto, acompanhado por uma joven senhora e um meninosinho.

Um abraço forte e grande. Depois, as apresentações de rigor

— O meu amigo Ernesto, de quem te falei tantas vezes. Minha esposa e meu filhinho...

Depois de oito annos de ausencia, oito annos proficuos e generosos, Roberto voltava á cidade tentacular e tentadora.

Foi-se embora só, angustiado...

E regressava com sua adorada mulherzinha e um lindo menino de cinco annos. E tambem mais repousado, menos illudido, mais sereno, mais disposto para enfrentar corajosamente o futuro.

Só, guiando elle mesmo o seu automovel, Roberto voltava do sanatorio do qual era director, para o centro, onde em uma commoda e luxuosa casa installára a sua residencia e o seu consultorio particular. Dois annos apenas lhe tinham bastado para firmar a sua situação.

Cruzando por frente do Roseiral de Palermo, os seus olhos se fitavam agora numa silhueta familiar, que, com passos curtos, passeava pelos lindos jardins, mais bellos ainda, nessa tarde de lindo sol estival. Era Alice. Com a cabeça descoberta ao sol e ao ar fresco, as mãos para traz e um certo ar de preoccupação, caminhava devagar.

Roberto stoppou bem perto della. Um discreto toque de buzina e depois, um cumprimento. Alice sorriu com um sorriso, esse adoravel sorriso que elle tanto amára.

Foi ella quem rompeu o silencio que durante alguns minutos, unidas as mãos, mantiveram os dois. E, entre pergunta e resposta, soube tudo. Os oito annos de ausencia, o casamento, o filhinho...

Depois, é que elle se atreveu a perguntar. Alice contou-lhe: naquella tarde, quando lhe prometteu falar no dia seguinte, já estava resolvida a não vel-o mais.

— Chegára o momento terrivel que eu receiava — disse ella.

— E agora — interrogou elle — quando as nossas vidas caminham por differentes estradas, nem agora eu posso saber a verdade ?

— Agora posso dizer-te tudo. Não acceitei o teu generoso offerecimento, porque te amava muito... e por "coquetterie"

— Como ?

— Sim, por isso mesmo.

— Quer-me parecer que me preferiste aquelle rapazinho louro...

Alice tornou a sorrir, desta vez com amargura:

— Aquelle rapazinho louro é hoje engenheiro naval. E eu, Roberto, a "mocinha" loura que tu amavas, que não era casada nem viuva... sou a mãe !

— A mãe ?

— Sim, assim é. Eu nunca soubera o que era ser amada. Amada como menina, como mulher moça. Aquelle rapazote louro era o unico testemunho da minha idade. Fructo de um horrivel desengano, elle, innocentemente, annullou a minha vida e matou a minha mocidade, pois vivi pouco menos que enclausurada. Quando nos conhecemos, minh'alma nova quiz reviver dentro de meu corpo velho...

— Alice...

— Não me interrompas. Quando me beijavas, os teus labios de menino humedeciam os de uma mulher que já fizera quarenta annos. Por isso, porque queria "ser moça", porque desejava continuar sendo amada como uma rapariga de vinte annos, recusei-me sempre a te dizer a verdade. A tua insistencia em sabel-a, destruiu a unica illusão de minha vida. Agora, eu, com a minha confissão, annullo uma recordação tua, que mais de uma vez terá lisonjeado a tua vaidade masculina. Já estamos quites.

E rompeu a chorar.

(Traducção de ANELÊH).

A. DORÉT

Cabelleireiro — Ondulação permanente e de outros systemas — Manicuras — Tinturas.

Os melhores perfumes.

•

5 - Alcindo Guanabara - 5

Cada Senhora, que tenha usado uma vez a

Original Hartmann

"Toalhinhas hygienicas"

reconhece as suas grandes vantagens e recommenda calorosamente o seu emprego. Consulte o seu medico! E' imprescindivel na protecção da

SAUDE E HYGIENE DA MULHER

Pequena despeza mensal

A' venda:

Pharmacia Allemã — Rua Alfandega n. 74
Casa Lohner — Avenida Rio Branco n. 133
Parc Royal — Largo S. Francisco de Paula

ADEUS RUGAS!

3.000 DOLLARS DE PREMIOS SE ELLAS NÃO DESAPPARECEREM

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar. E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL.

Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recemnascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não accite substitutos, exigindo sempre:*

RUGOL

Mme. Hary Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"

Mme. Souza Valence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam."

Encontra-se nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS. Escrip. Central: Rua Wenceslau Braz nº 22, 1º andar. — Caixa 1379. S. PAULO —

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — São Paulo.

Peço-lhes enviar-me pelo Correio o *Tratamento Scientifico para Embellezar o Rosto.*

Nome. . . . .

Rua. . . . .

Cidade. . . . .

Estado. . . . .

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

Clinica Medica de "Para todos..."

A microbiologia, vindo em auxilio da therapeutica, tem offerecido poderosos elementos para combater as enfermidades infecciosas que mais compromettem a resistencia vital.

A diphteria, a raiva, o tetano, a peste negra, á gonococcia, com todo o seu cortejo de complicações, e mais alguns outros morbus perigosissimos encontram nas vaccinas e nos sôros especificos, os intrepidos adversarios que, se antepondo aos seus impetos mortiferos, obtêm consideravel porcentagem de victorias, indo mesmo ao extremo de impedir em absoluto a manifestação morbida — acto que é a mais bella conquista de hygiene contemporanea.

Com relação ás multiplas fórmas da tuberculose, a therapeutica especifica das vaccinas e dos sôros não deu até hoje resultados vantajosos. O emprego das tuberculinas, valioso como processo, para firmar o diagnostico precoce da enfermidade, não demonstrou a necessaria efficacia curativa, a não ser em raros casos de tuberculose incipiente e nas meras predisposições organicas para tal morbus.

Em semelhantes condições, a clinica medica, sem desprezar o emprego de outros agentes apreciaveis, como os balsamicos (tolú, angico, seiva de pinheiro maritimo, etc), os antisepticos (alcatrão, creosota, gaiacol, etc), os mineralisantes (phosphatos e hypophosphitos diversos), os estimuladores da nutrição (iodo-peptonatos, compostos arsenicaes, etc.), acceitou o contingente que lhe trouxe a opotherapia, na luta emprehendida contra a tuberculose.

Baseada no principio já experimentalmente comprovado, de que a associação de varios orgãos constitue poderoso elemento curativo, a apotherapia apresentou um conjuncto synergico de trez glandulas importantes — **o corpo thyroide, o figado e o baço** — para combater em toda a altura a tuberculose.

A acção physiologica e therapeutica de taes orgãos, nos varios estadios apresentados pelo morbus, póde ser resumida em poucas palavras: o corpo thyroide se comporta como um tonico, impedindo a desmineralisação do organismo e dissipando as dores osseas e articulares dos enfermos; o figado regulariza as funcções digestivas, opéra como vigoroso anti-toxico e anti microbiano, leva ao sangue o ferro indispensavel e auxilia com empenho a tarefa de recalcificação; e o baço, exercendo funcções hematopoeiticas, anti-hemolyticas, bacteriolyticas e talvez, colloidogenicas, ataca violentamente o bacillo de Koch, obstando que elle persista em suas depredações.

A opotherapia, assim associada, tem o seu emprego indicado em todas as fórmas que o morbus patenteia — "tuberculose pulmonar", "laryngeana", "ganglionar", "mesenterica", "ossea, cutanea", etc — e em todos os periodos da evolução morbida, nessas diversas fórmas referidas.

Innumeros trabalhos de clinicos extrangeiros, principalmente francezes, demonstram a efficacia da opotherapia associada, no tratamento da tuberculose,

A OPOTHERAPIA NA TUBERCULOSE

oscillando a estatistica entre 40 e 75 o/o de exitos obtidos, conforme as circumstancias propicias ou desfavoraveis em que as experiencias foram realizadas. Não ha regra, para fixar a duração do tratamento, a qual varia, segundo a gravidade do caso observado e a rapidez ou demora da acção medicamentosa, podendo o tratamento se prolongar, por muitos mezes e mesmo por alguns annos, até que a enfermidade seja dominada.

O methodo mais proveitoso, quando é evidente o diagnostico de tuberculose, consiste em empregar apenas a metade das dôses ordinarias, em 15 dias de tratamento ininterrupto, alternados com outros 15 dias de repouso, e, assim, continuar invariavelmente a proceder, emquanto o morbus não estiver subjugado.

CONSULTORIO

PALLIDA (Fortaleza) — Seu regimen alimentar deve ser constituido de massas alimenticias, muito pão, sopas gordas, manteiga, queijos, leite, doces, compotas de fructas e cereja maltada, na occasião das refeições. Use, no meio de cada refeição principal, 20 gottas de "Sanas", num calice dagua assucarada. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Nuclearsitol Robin".

VIRGINIA — Depois de cada refeição principal, tome 2 capsulas de "Atoquinol", bebendo em seguida meio copo dagua fria. Nos intervallos das refeições, use: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas — uma colher (das de café), em meio copo dagua fria assucarada, tres vezes por dia. Persistindo a dôr mencionada, use "Theinol" — uma colher (das de sobremesa), pela manhã e á noite.

A. L. B. A. (Rio) — A creança deve usar: essencia de hortelã 2 gottas, chloroformio 2 gottas, oleo essencial de chenopodio 4 gottas, oleo de ricino 12 grammas, xarope de ameixas 12 grammas, pela manhã, em jejum e de uma só vez.

JOTA (São Paulo) — Basta usar: bromoformio 15 gottas, terpina 50 centigrammas, tintura de grindelia robusta 4 grammas, extracto fluido de capillaria 10 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 20 grammas, xarope de tolú 200 grammas — uma colher (das de sopa), de 4 em 4 horas. Depois de cada refeição principal, use "Histogenol Granulado Naline".

N. A. I. R. (Campos Novos) Dê á creança "Leite de Magnesia Philips" — de 2 em 2 dias, pela manhã e em jejum, uma colher (das de sobremesa). Dê tambem: formina 1 gramma, agua destillada 100 grammas — uma colher (das de chá), de 2 em 2 horas. Os banhos devem ser mornos, applicando em seguida o talco boricado.

DR. DURVAL DE BRITO

A' BEIRA DA PISCINA

LÉA

Um diadema de luz suave e pura
De doze estrellas em tua fronte brilha !
Que original fulgor tem, minha filha,
A auréola da meiguice e da candura !

E', teu amor, minha maior ventura,
Porque este amor — excelsa maravilha ! —
E' uma harpa de ouro que o bom Deus dedilha
Para o olvido da dôr e da amargura.

Tu me consolas da cruel ausencia
De particulas outras de minha alma,
Que são a mágoa e o riso da existencia:

Desta existencia amarga, em que carrego
A cruz aos hombros — do martyrio a palma —
Com uma gotta de pranto em cada prégo...

LEONCIO CORREIA.

Maio, 1—1929

Um capítulo de João Gandaía

ENTRE dois goles de Madeira velho, a mulher affirmou, com seriedade, que era um caso. Fez uma pausa, distanciada, e adjectivou: interessante.

João Gandaia sorriu.

Era uma loira, typo standard, com uma pequena dóse de fatalidade na maneira de olhar, semicerrando as palpebras. Idade? Coisa que se inventou para uso interno das senhoras honestas. Uma mulher daquellas não tem idade, tem recursos.

— Caso?

— Não vale a pena, velho. Uma besteira. Acariciou-lhe a mão. — Meu queridinho.

— Por que pago a despeza?

Disse que não, zangada. Ella não era como as outras, não. Pegava sympathia por um typo e era capaz de tudo. Soletrava. De-tu-do. Justamente por isto ella era um caso. — Sabe?

Accendera um cigarro, esperando calada que o companheiro insistisse em saber. Assim, meio atirada para traz, vendo o fumo subir, mostrava no pescoço a marca avermelhada de uma cicatriz. Notando o olhar curioso:

— Tá vendo o signalzinho, tá?

E, como João Gandaia não respondesse nada, ella achou que a occasião era propicia para contar a historia.

— O meu primeiro homem era assim como tu, moreno, forte. Gostava delle, não porque fosse forte, mas porque era mais moço do que eu e me dava pancada. Dava pancada, sabes? Me dizia que dava, porque sabia que eu não gostava delle.

Nunca sorriu pra mim. E eu queria bem a elle, queria bem. Me acostumou áquillo. Sentia a falta delle, das pancadas, quando não vinha á casa. E chorava toda a noite, atirada na cama, me arranhando toda para sentir a sensação. Até que um dia...

— Abandonou-te?

— Não. Chegou á casa muito sério, mas de uma seriedade sem dureza, differente. Disse que a mãe tinha morrido (eu nem sabia que elle tinha mãe). Me tratou bem. Disse que eu era sua amiga. Pela primeira vez sorriu pra mim e me beijou sem furia. Disse depois que era a separação. Tinha motivos muito graves para isto. Me deu uma carteira cheia de notas e foi-se embora. Foi-se embora.

— E você?

— Não disse nada. Nem chorei. No dia seguinte, depois de uma noite longa, pavorosa, dei uma navalhada no pescoço, aqui.

— Esteve no hospital?

— Naturalmente. Quando sarei, você já sabe, a porta aberta.

— A vida.

— Chamam assim.

Silenciou um momento. Depois ergueu o copo a luz, e namorou as ultimas gottas do vinho que os reflexos faziam luminosamente rubro. Bebeu de um góle só. Enrugando a face numa careta de repulsa.

— Horrivel este gosto!

— Mas isto não impediu que bebesses o vinho, saboreando-o de principio a fim. Ella olhou com seus olhos de penumbra.

— O ultimo gole é sempre insupportavel. Delicioso é sorver lentamente a bebida, prolongando a sensação, sentindo uma especie de fumaça que enche a cabeça e não deixa pensar, nem lembrar, como si apagasse tudo. Mas o fastio é inevitavel.

Sorriu, quebrando a cinza do cigarro.

— Eu podia comparar este copo de vinho á minha vida, não podia? Mas, afinal, ha tanta coisa que eu podia comparar á minha vida...

Achou graça. Que nem sabia bem o que estava dizendo. Tanta coisa que se póde comparar á vida: aquella lampada, o cigarro...

E diminuindo a voz:

— Sabes por que amo tanto o vinho? Porque me faz esquecer.

— A vida?

— A minha, sim. Pra apagar a consciencia. Pra me esquecer de tudo, que sou isto, esta coisa, um copo assim, que eu mesma esvasiei.

Levando aos labios o copo novamente cheio, murmurou:

— Esta coisa, esta coisa, este farrapo...

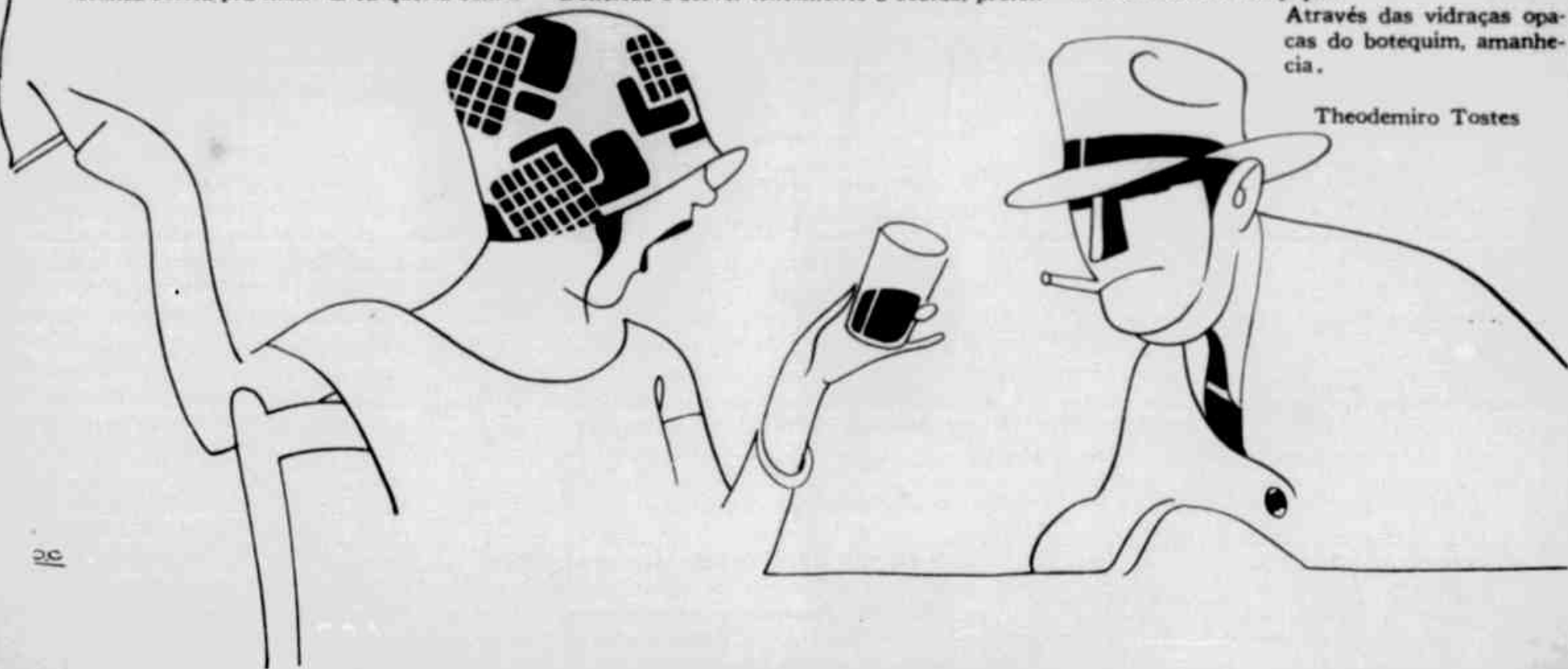
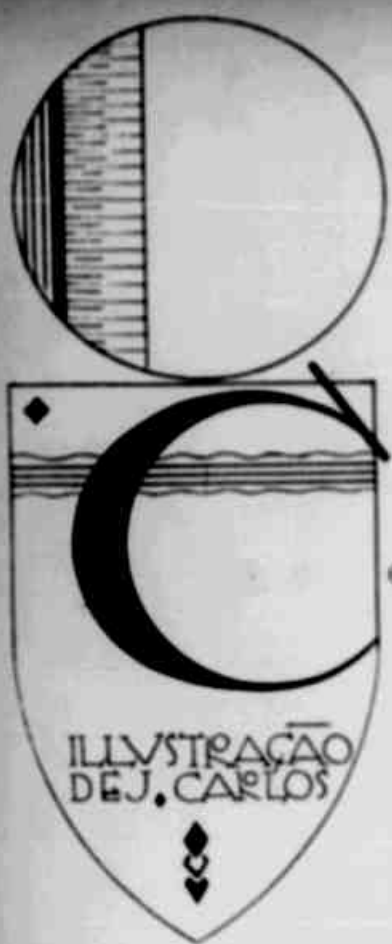
E descansou sobre a mesa a cabeça somnolenta e ebria.

João Gandaia ficou a olhal-a muito tempo, com a ternura dum pae que véla o somno da filhinha enferma. A pequenina sala do botequim já ficára deserta, áquella hora incrivel para um homem de methodo. Silencio. Elle é o continuador das historias que se diluem nas reticencias. O silencio falava a João Gandaia. Coisas insolitas, revelações curiosas que elle nunca pensára. Sentia-se capaz, perfeitamente, de amar uma mulher assim. De amar como os heroes das novellas baratas. Bestificando-se.

Acariciava-lhe os cabellos finos, levando muito a serio o seu papel.

Através das vidraças opacas do botequim, amanhecia.

Theodemiro Tostes

ILLUSTRAÇÃO DE J. CARLOS

CORREU uma gargalhada de ponta a ponta do meio-circulo, rapida, rebentando de todas as boccas, como se fosse o estopim de uma gyrandola. O Jerómo, ainda de cócaras, firmou-se num braço, para se levantar do tombo; e, de novo, estatelou-se no chão. Nova gargalhada explodiu, de subito, como o lépido levantar de azas de uma revoada de pombos... "Paga prenda! paga prenda!" gritavam. Tia Michaela, a um canto do sofá, com as duas mãos na cintura, pedia que não a fizessem rir tanto, por causa do figado. E *seu* Rodrigues, um caixeiro da Côrte, que andava por fóra, em cobranças, veiu logo, chapéo na mão, todo sorrisos, para receber a prenda do carreiro.

"Paga prenda! paga prenda!" O Jerómo resistia á intimação. Não pagava. Cahira ao querer ajoelhar-se muito depressa, mas não rira, nem ao menos começára as palavras do jogo: "*Meu senhor S. Roque, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar...*" Não pagava. "Paga prenda!" insistiam... E a Margaridinha, a filha de tia Michaela, de joelhos sobre uma cadeira, gritou-lhe tambem que pagasse. — "Pague, "seu" Jeronymo... E' p'ra não parar o jogo". O Jerómo pagou, com um botão de punho. O caixeiro da Côrte voltou para o seu logar, todo sorrisos: "Minhas senhoras, vae continuar o jogo! O senhor S. Roque é a senhora D. Margaridinha".

Fóra, o luar banhava todo o jardim plantado de esponjas, desenhando na rua a ramagem crescida da cêrca de espinhos. A estrada, tortuosa, toda de areia, refulgia ao clarão da lua. Longe, no silencio da noite, latiam cães... O Barradas, "amigo de *seu* Barão", suando em bicas, viéra para o jardim e encostára-se á cancellinha da porta, a fumar. O jogo continuava, lá dentro, na sala. Ouvia-se a voz do caixeiro da Côrte. "Que se ha de fazer ao dono ou dona desta prenda?" E viam-se sobre os aparadores os dois grandes lampeões de kerozene, trazidos pelo Barradas da casa de *seu* Barão, para aquella festa de annos da tia Michaela.

O Jerómo era carreiro lá do alto, da fazenda do Dr. Chico Penna. Mais p'ra baixo ficavam as terras de *seu* Barão — Barão de Santa Mathurina. Ahi é que o Barradas punha e dispunha, como dono da casa, comendo á farta, bebendo ainda melhor. Portuguez esperto, muito insinuante, começára auxiliando o administrador da fazenda. Um dia — ia para tres annos — o administrador virase, de subito, posto no meio da rua. O Barão, colérico, cheio de raiva, não lhe consentia que se justificasse. O homem não fizéra nada. O Barradas foi nomeado para o seu logar.

"Bom administrador tenho eu!" — costumava dizer o Barão. Carreiro é que não tinha, tão bom como o Jerómo. Certa vez, o Jerómo ia a entrar em casa, empurrava já a porteira, quando retiniu este grito — "Eh lá, ó Jirónymo!" Era o Barradas. O outro não o ouviu. O portuguez chicoteou mais a besta em que vinha, enterrou-lhe bem as esporas... Depois, repetiu o chamado: — "E' lá, Jirónymo!" O Jerómo demorou-se a esperal-o, com a mão ainda sobre a porteira. E, ao brusco choque das esporas, a besta trotou mais depressa, até junto da cancella. Ficou ahi, sem parar, ao mesmo tempo avançando e recuando, a apertar as pernas do Barradas de encontro ás duas ripas pregadas em cruz.

— Manhosa como ella só! — achou, sorrindo, o Jerómo.

O Barradas apeou-se, tirou as rédeas de sobre o pescoço do animal, passou-lh'as da cabeça para fóra, por cima das orelhas, e foi prendel-as adeante, a uma das pontas da cêrca. Demorou-se ainda um bocado, a enrolar um cigarro. Por fim, abordou a questão. O sr. Barão mandava perguntar ao Jirónymo se não queria ir lá trabalhar pr'á fazenda. O Jerómo estava que não cabia em si da surpreza.

O Barradas contava com isso. Ah! estava admirado, não era? Tinha de que. Era uma fortuna que lhe cahia do céo. E gabava a fazenda. Que bonita que estava agora! Passava-se muito bem de barriga. Aquillo é que era viver a gente uma vida regalada; comia-se quatro vezes ao dia! E depois, se o Jirónymo quizesse, dobrava-se-lhe o ordenado, ajuntava-se-lhe uma gratificaçãozinha para os cigarros, e até o Sr. Barão inda lhe havia de dar a sua farpellazinha nova, para os domingos. O Jerómo reflectia, via-se que estava a hesitar. Mas, de repente, fez que não, com a cabeça. Decididamente não acceitava. Era tolo, rejeitar assim uma fortuna que lhe cahia do céo. Mas que lhe havia de fazer? Tinha amizade á casa, criára-se com os meninos...

O Barradas voltou para a fazenda, a apertar cada vez mais o passo da besta, para repetir ao Sr. Barão o que lhe disséra o bigorrilha do Jirónymo. E logo ao chegar, em meio do almoço, tendo muito cuidado em que não esfriasse o bife do Sr. Barão, a mandar pelos criados que fechassem bem as janellas da varanda para que o Sr. Barão se não fosse constipar, o Barradas contou-lhe o que ouvira do carreiro. "E' uma criança..." — deixou escapar o Barão. E o Barradas logo, com toda a sua verbiagem de portuguez muito esperto: — "E' um estupido, é o que é... Vossa Excellencia não n'o conhece. E' um estupido, e um bigorrilha... Um bigorrilha é que elle é, saiba-o Vossa Excellencia!..."

Esmorecia a luz. Manchas de fumaça iam subindo aos poucos pelo interior dos globos, nos dois grandes lampeões de kerozene. Tia Michaela queixava-se do figado, fizéra-lhe mal o jantar. O Barradas voltava nesse momento para a sala, mãos nos bolsos, fumando. Vinha de fóra, janellas a dentro, cortante e rispido, o aspero frio da madrugada. Nuvens róseas appareciam pelo céo. "Bons dias, siá dona!" — gritaram da estrada para a Margaridinha que se fôra debruçar á janella. O caixeiro da Côrte ainda quiz ver se reanimava a festa. "Minhas senhoras, meus senhores! Vamos agora jogar o *Coche da familia*. Eu sou o cocheiro; D. Margaridinha é quem mais brilha, é a lanterna. O Sr. Barradas é o chicote..." Voltava-se, todo sorrisos, para cada um. Mas a Margaridinha achou que já era tarde. — "Qual, *seu* Rodrigues! Já é dia... Mamãe está com somno". Clareava mais. "Agora é cada um p'ra sua casa!" — interrompeu asperamente o Barradas.

Despediram-se, trocando abraços, apertando-se muito sacudidamente as mãos. Tia Michaela

distribuia beijos, a torto e a direito, fazendo convites — "Não se esqueçam, hein? Agora é pelo Natal!" O Jerómo chegou a correr, do jardim. Occultou umas flores no casaco; depois estendeu a mão á Margaridinha, olhando-a bem em face. "Não me esqueça!" — disse. A moça apertou-lhe os dedos, quasi a esmagal-os... E ficou em silencio. Tinha os olhos cheios d'agua. "Venha amanhã!" — segredou a muito custo. O Jerómo disse que sim, com a cabeça. E sahiu. Mas, da rua, voltou ainda, como se lhe faltasse alguma cousa; parou indeciso. "Até amanhã, tia Michaela!" — fez, depois. Apertou outra vez a mão da Margaridinha. Custava-lhe deixal-a assim. Desejaria ficar para sempre junto della, ouvindo-lhe aquella musica da sua voz.

Partiu, afinal. Levava um grande vacuo no peito. Os olhos humedeciam-se-lhe; tinha uma enorme vontade de chorar... Passaros cantavam. Do matto em roda, subia um embalsamado, um fresco cheiro de hervas. Gottas de orvalho cahiam dos espinheiros; e, pela relva adiante, borboletas iam e vinham, doidas, agitando azas tremulas, amarellas por sobre as flores amarellas.

Mas, num dia, tia Michaela veiu, ella propria, recebel-o á entrada. O Jerómo parou, surpreso, indagando com os olhos. E tia Michaela explicou o que havia. — "O Leopoldo, aquelle, magrinho, que estivera lá no dia dos seus annos... Ah! não conhecia? Pois, coitado! Fôra-se... Bexigas..." Bexigas! — "E' verdade; bexigas!" Era o sexto, numa semana. O Jerómo estremeceu de terror, dominou-se, porém. "Mas, e a Margaridinha?" Tia Michaela tranquilisou-o. Estava no sitio do Leopoldo. Fôra pela manhã, para ajudar a gente de casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça. O Jerómo despediu-se, voltaria depois. — "Sabbado, ella já ha de estar ahi. Tenha paciencia!" Teria paciencia. E foi embora. Luzes brilhavam longe. Anoitecia. O Jerómo levava como um presentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, á tarde. Esperou-o até alta noite. Nada. Esperou-o no sabbado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, naquella noite lugubre, tia Michaela veiu da rua a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol; veiu a tarde, frigida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava á porta, apoiada á cancella.

Nuvens pardacentas iam-se amontoando pelo céo. Peneirava um chuvisco. E subito, do alto, dentre barrancos, aos solavancos pelo tortuoso caminho — violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia — surdiu uma antiga, uma arruinada caleça, sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscillava um caixão. Oleados resguardavam-n'o do tempo. E, logo atraz, vinham, a galope, dois cavalleiros.

O céo fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentiu que alguma coisa se lhe enroscava no coração. Era como uma cobra má que o tivesse agarrado de subito.

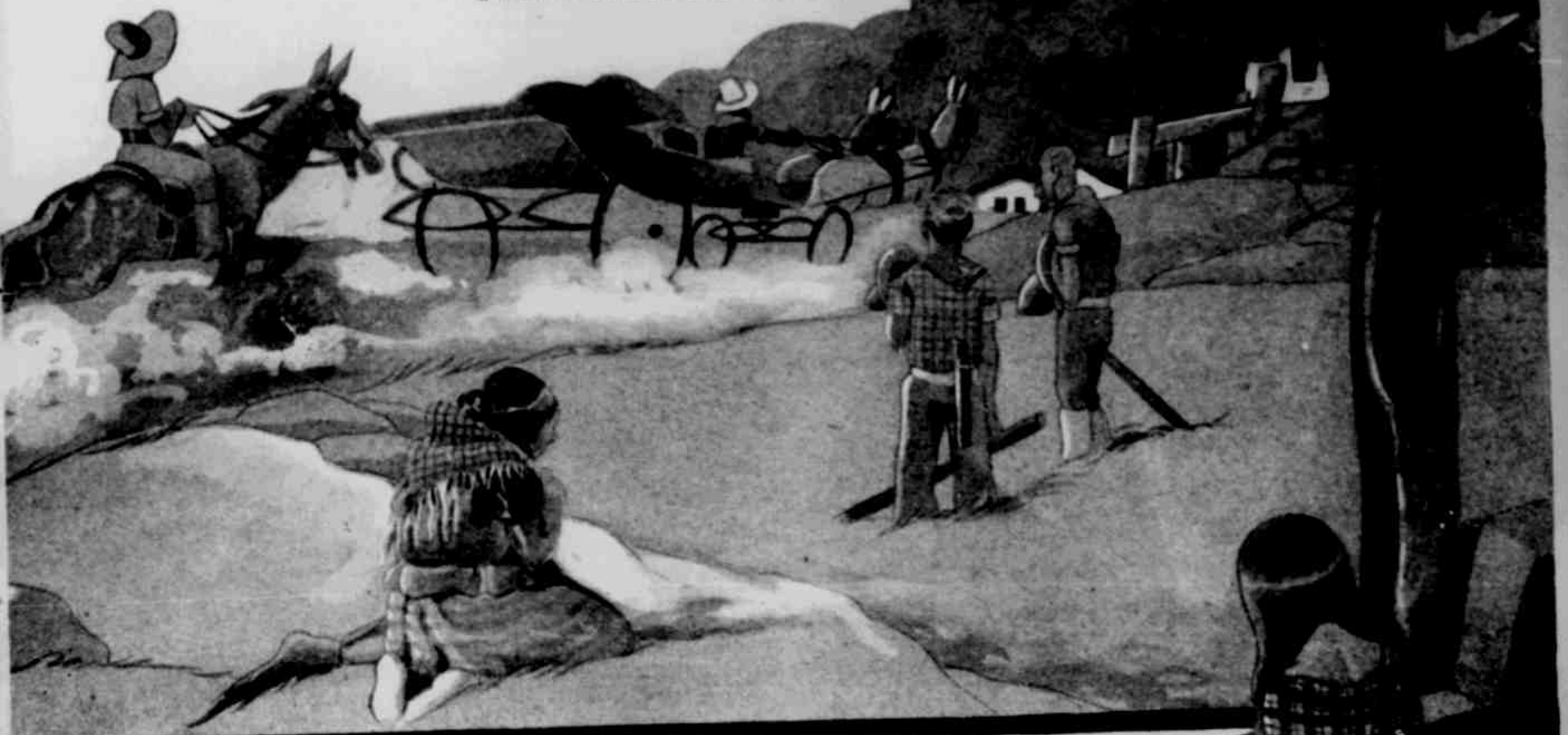
Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chiavam na areia, rapidas, ao rapido trote das bestas. Homens descobriam-se ao vel-o. E tia Michaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

— Coitado do Jerómo! — disseram, na casa visinha.

A Margaridinha apoiou-se mais á cancella:

— Ah! meu Deus! — soluçou, dolorosa, angustiadamente. Só. Faltava-lhe o chão. A' garganta subiam-lhe, num bolo, toda aquella magua, toda aquella agonia, toda aquella dor. O carro passou. Do caixão mal fechado, evolava-se, ficava um máo cheiro espalhado pelo ar.

— Siá dona, reze por elle! — gritaram.

Chovia mais forte. Lagrimas rebentavam em fio, das arvores sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada á cancella, com um tremulo, nervoso rictus nos labios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

Entrou em casa. Atirou-se á cama, para ver se esquecia aquella idéa da Margaridinha. Tavez dormisse... Não dormiu. Aquillo era como se lhe houvessem arrancado do peito, na festa, alguma cousa que lhe fazia muita falta. Voltava-se para a parede, fechava os olhos, apertava-os bem, para não ver cousa nenhuma... E para logo se lhe deparava outra vez a sala do jogo de prendas. Era ainda o caixeiro da Côrte quem as ia a pouco e pouco recolhendo no chapéo; o jogo é que já não era o mesmo; não era o Senhor S. Roque, era uma cousa parecida. E o Jerómo via-se de joelhos aos pés da Margaridinha — "Minha santa Margaridinha, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar, sem me rir... Eu aqui estou a vossos pés..."

O Jerómo voltou no dia seguinte á casa de tia Michaela. Voltou depois ainda, e no terceiro dia, e mais tarde. A Margaridinha vinha buscal-o á cancella, toda de branco. E subiam, mãos dadas, almas felizes, acompanhados desde a porta pelo vigilante, bondosissimo olhar da velha.

Senhorita

NIETA NAVARRO

que foi das mais votadas para Miss Paraná

MISSES

PARA' E RIO GRANDE DO SUL

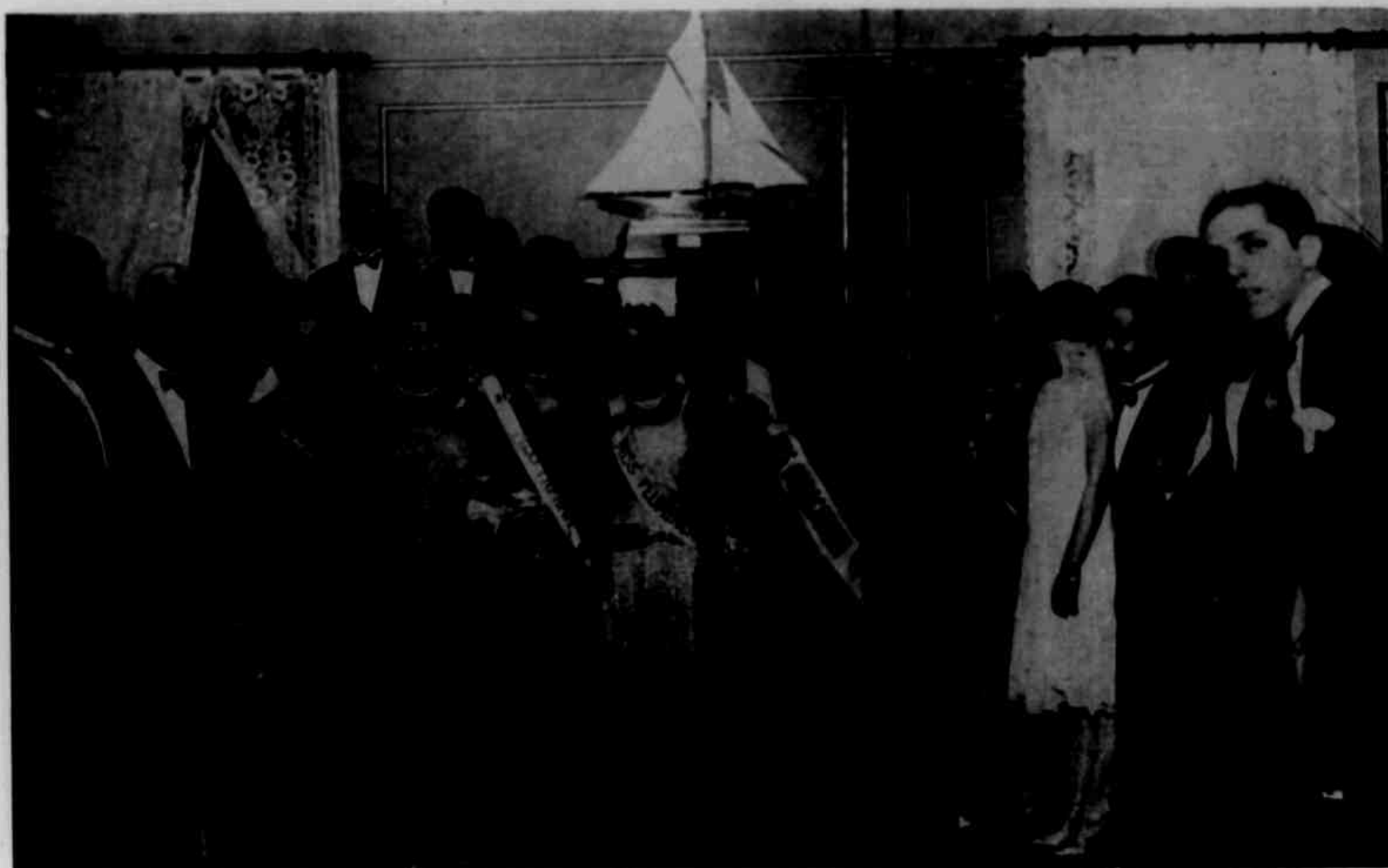
O escriptor Oswaldo Orico, que é do Pará, e sua gentilissima senhora, que é do Rio Grande do Sul, offereceram uma festa ás senhoritas Elza Bezerra, Miss Pará, e Bila Ortiz, Miss Rio Grande do Sul.

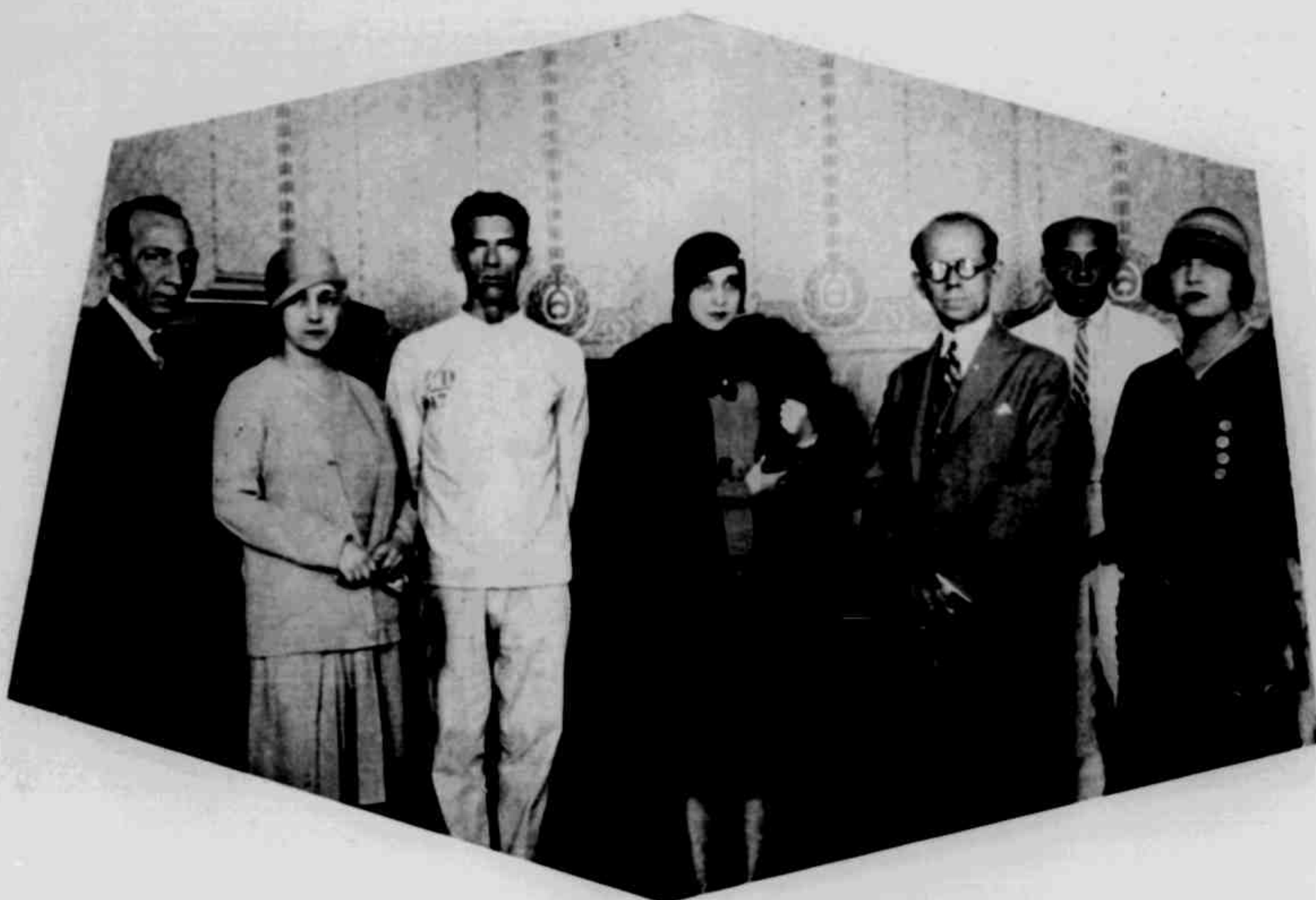
Aqui estão dois instantaneos da linda festa que levou á morada do casal Oswaldo Orico uma chusma de gente intelligente e elegante sem falar no "sereno", enthusiasmadissimo e todo de familias do bairro aristocratico.

MISS
SANTA
CATHARINA

SENHORITA
ZULMA
FREYESLEBEN

Photographias feitas no Itajubá Hotel

Poses especiaes para a nossa revista

M I S S   F L U M I N E N S E

Os estudantes da Faculdade de Direito de Nictheroy offereceram uma festa á senhorita Marietta Reivas, Miss Fluminense, nos salões do Club de Regatas Icarahy. Estiveram presentes as misses Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco, Parahyba, Ceará, Pará e Copacabana.

Senhorita Bila Ortiz, Miss Rio Grande do Sul, na Casa de Correcção, em visita a um preso seu conterraneo que lhe escrevera uma carta commovedora.

Misses Pernambuco e Parahyba

Em baixo, no chá patrocinado por Miss Bahia, em beneficio do Abrigo de Menores.

Misses Bahia e Paraná

MISSES
MARANHÃO E PARAHYBA

Recepção ás senhoritas Maria de Lourdes Pantoja, Miss Maranhão, e Elmer Pinto Pessoa, Miss Parahyba, pelos estudantes da Escola Polytechnica.

Senhorita Nair Pedreira de Freitas, Miss Bahia, recebida no Curso Freycenet.

Ao centro, Miss Santa Catharina, senhorita Zulma Freyes-

leben entre senhoras e senhoritas, durante o matte dansante por ella offerecido no Club de São Christovão.

As misses no Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro

DOMINGO ESPORTIVO

POR

DI CAVALCANTI

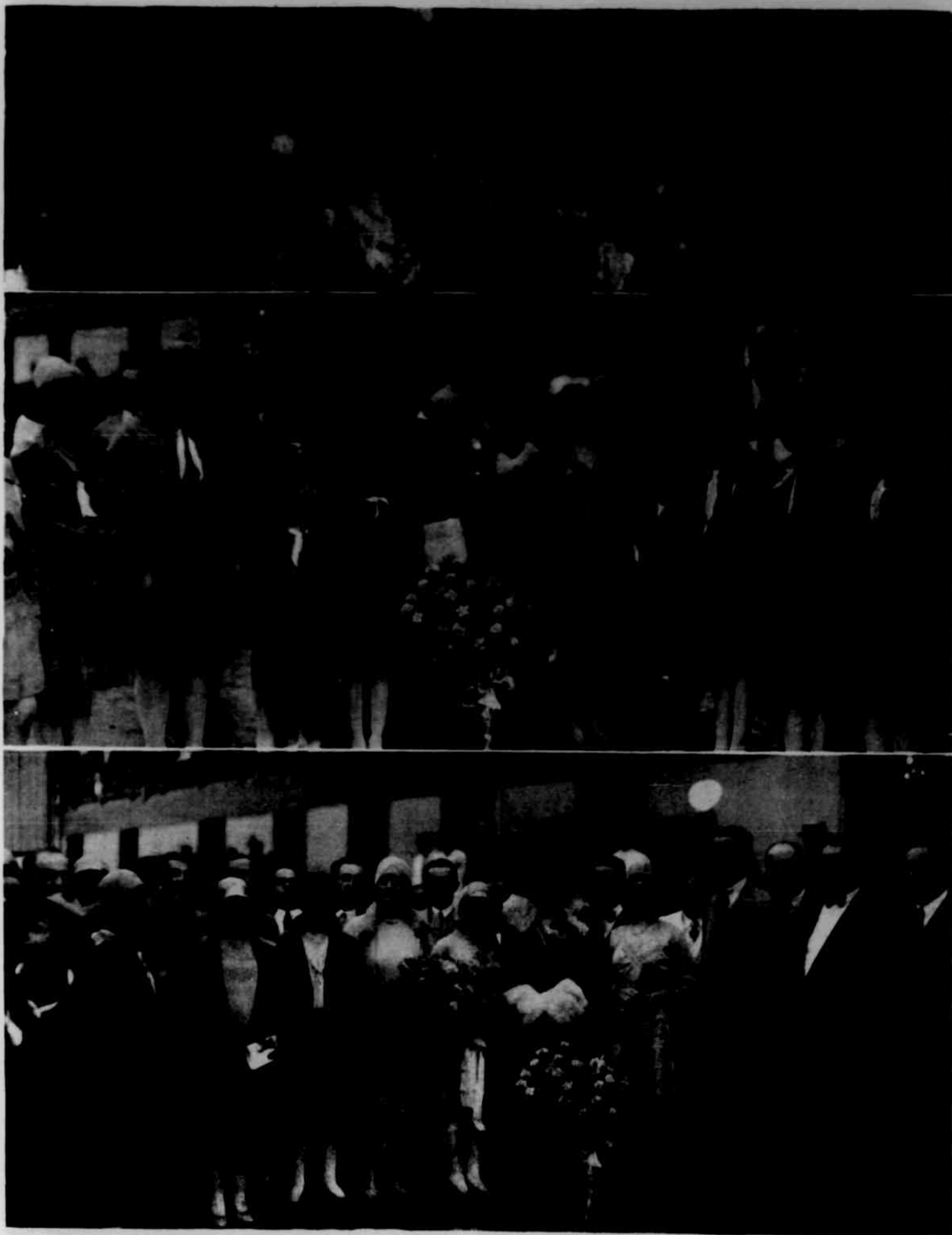
Mlle. Lóló, foi as corridas, lá encontrou o illustre Barão de... conseguindo não acertar um só "placé", porque o barão dá um pezo... daqui.

Mlle. Bidú aborreceu-se sufficientemente jogando uma interminavel partida de "Golf" com Sir Wisky and Soda um inglez que veio ao Brasil levar o dinheiro da gente.

Mlle. Sisó dedicou-se a canotage com o Barão de Budapest que aqui chegou a ver navios.

Mlle. Lilá, não faltou ao chá-tango onde o famoso bailarino porterão Juanito esperava-a ancioso...

Mas, Mlle. Dédésinha preferiu ficar em casa lendo um livro de esporte que ha muito tempo está fóra de moda, completamente fóra de moda.

Recepção ás Misses no Gavea Golf and Country Club

MISS PARANA, no campo do São Christovão A. C.

Senhorita
Didi
Caillet

Miss Paraná

DESENHO
DE
DEL PINO

Foi melhor assim. "Miss Brasil" — ir a para longe. Sendo só "Miss Paraná" ficou comnosco. Iamos debruçar as ansias da nossa curiosidade sobre esse espirito de tão estranhas subtilezas, e antes que ella chegasse já tinhamos aos olhos a imagem fluidica e immaterial, de arroubos e de lyrismos, um lindo verso animado ou — quem sabe ? — uma doce canção humanisada. Mas em pouco Didi Caillet enchia a sala vasia e triste com o clarão da alegria communicativa que lhe emana do rosto e lhe põe nos olhos o reflexo dos maiores deslumbramentos...

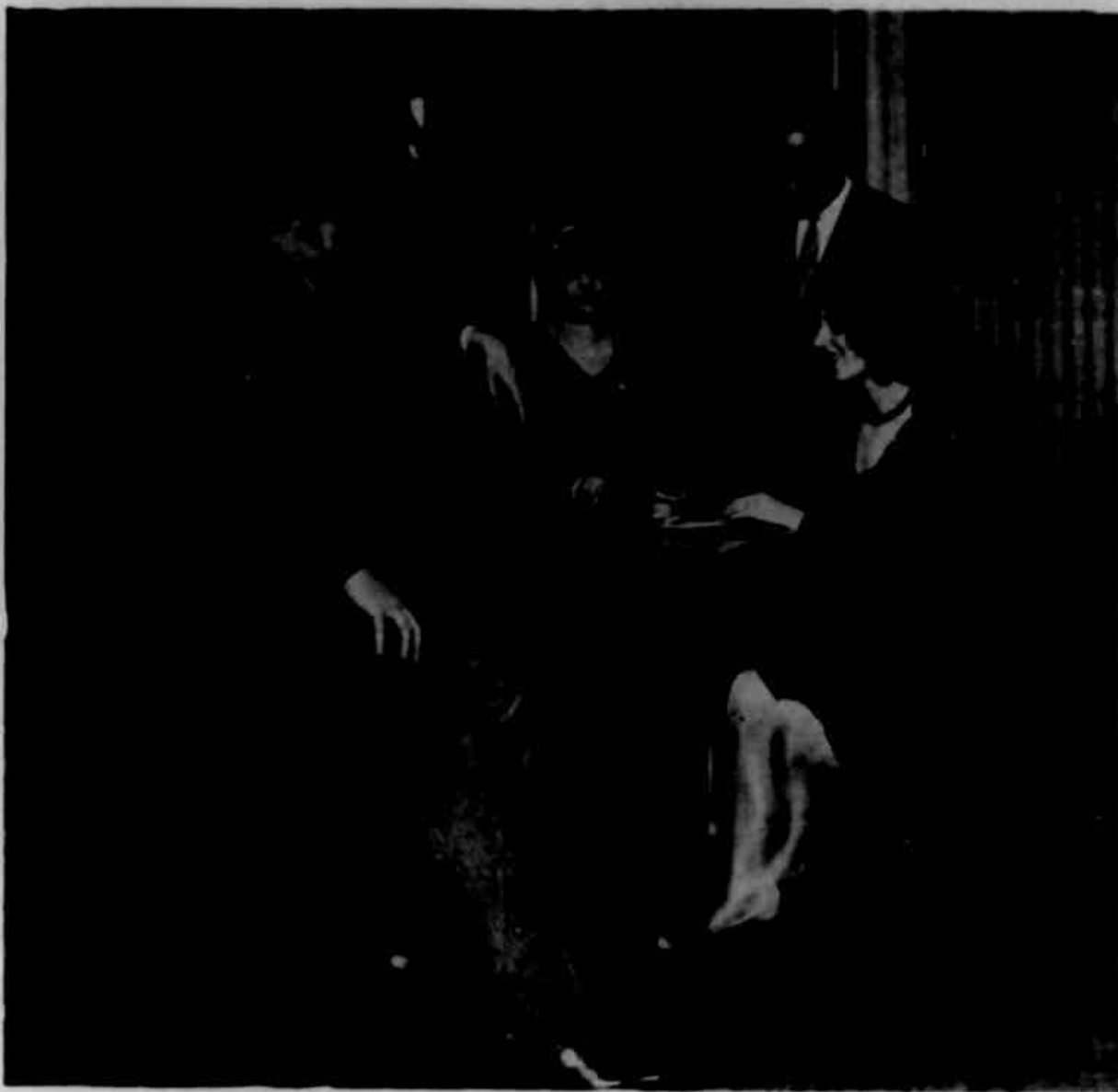
Prodiga de sorrisos ella nos estendeu a mão como se fossemos conhecidos velhos e como velhos conhecidos nos sentamos no sophá de seda azul, conversando...

Não se tem tempo sequer de admirar-lhe a belleza exterior, porque o esplendor do espirito culto empolga e embriaga, como agora mesmo acontece a comnosco ouvindo-lhe os protestos de gratidão pelas homenagens que vem recebendo e que não mais acabará de receber...

Ella silencia, agora, um momento, mas nos retêm a attenção no fio de ouro do sorriso com que nos prende o espirito para continuar agora, mais animada e viva, a desnovellar o que nos dizia. Outra vez nos interrompem e outra vez ella não nos deixa fugir a attenção prendendo-a ao aceno delicado da força magnetica. Volta a desculpar-se, sorrindo sentando-se ao nosso lado, cruzando as pernas e dizendo:

— São tão gentis commigo ! Não sei que fiz para merecer tanto !

E mostrando, num largo sorriso, as perolas que a Natureza lhe poz na bocca:

— Nasci no Paraná, é certo, mas o meu coração é carioca !...

Didi Caillet com os nossos companheiros Barros Vidal e Pedro Lima e a senhora Barros Vidal, no Palace Hotel.

Dindinha Lua...

Miss Paraná

Com o Papae

Com a Mamãe

"Nel mezzo del camin de nostra vita..."

E Didi Caillet derramando na concha dos nossos ouvidos as harmonias da sua palavra meiga:

— Admiro Dante com todos os horrores e todos os desesperos do seu inferno. Tenho lido muito, tenho mergulhado o pensamento nos autores modernos, mas o meu grande deslumbramento é por Dante.

E acabando de responder á nossa pergunta:

— Tambem Nietzsche, com a sua profunda psychologia, me impressiona e encanta !

— E de musica ?

— Aprecio as harmonias doces, tecidas com a delicadeza das almas meigas. Não me deixo seduzir pelos arrebatamentos que culminam em tempestades de sons, mas me empolgo pelas notas dolentes, sentidas e arrancadas não da superficie dos instrumentos, mas lá do fundo, da alma sensivel...

— Quaes os instrumentos que mais aprecia ?

— Os que eu tóco... piano e violão...

— Dos dois — o de sua preferencia ?

Didi rindo até pelos olhos:

— O piano quando é gente de ceremonia que me ouve...

E deixando a mão cahir pelos cabellos,

— ... o violão na intimidade !...

— Alegria, não. Delirio de alegria, sim...

E, pela primeira vez, deixando de sorrir:

— Foi, no outro dia, no Palace Thea-

tro Estava lá, não estava ?

E como lhe dissessemos que sim:

— Por seis vezes me chamaram ao palco, por seis vezes me testemunharam uma sympathia que nem sei como despertei nem como agradecer.

Agora, já sorrindo de novo:

— Foi a minha maior alegria em todo este periodo de minha vida !...

—

Didi Caillet — ah ! os percalços da gloria — nos deixava, agora, para attender a uma revoada de creaturinhas meigas, a um "garçon" com ar de principe de lenda e a um velhinho tremulo. Lá na outra sala uma porção de gente também a esperava, e ella sem se alterar, infatigavel no sorriso, companheiro de todos os instantes, no bom humor que não a abandona, ia conversando com este, estendendo a mão para aquelle e offerecendo para todos a graça irresistivel da sua figurinha leve. E só agora, precisamente, que libertos da fascinação do Espirito mergulhavamos o olhar na invulgar creatura que não parece igual ás outras e que parece, sim, differente de todas. Andando, ella causa uma impressão estranha, porque de tão subtil quasi não tóca os pés no chão. E sorrindo, ella faz a gente crêr que toda a bondade do céo lhe cahiu sobre os labios. A luz que se lhe derrama dos olhos azues, sem expressões fingidas, illumina o rosto delicado que resalta na moldura dos cabellos negros. E o olhar, irreverente pelo habito de tudo bisbilhotar, já lhe segue a linha do talhe esbelto quando ella, voltando para nós, repetiu:

— Vê ? São tão amaveis os cariocas...

E abrindo muito os olhos:

— Como não hei de deixar o coração aqui ?

—

— De todos os sports ? e sem titubear, repetindo a nossa pergunta, respondeu:

— O automobilismo. Lá no Paraná pratico-o na minha "Sussuarana", nome da minha barata "Nash". Mas o Rio é que é a cidade do automovel. As suas lindas avenidas á beira mar e suas amplas estradas são uma tentação irresistivel...

E gracejando:

— Por isso que aqui ha tanta vertigem de velocidade...

Miss Paraná tóca violão e brinca ainda com bonecas

— Dos versos que declamo quaes os preferidos ?

— Declamando não tenho preferencias...

E com toda a sua vivacidade:

— Eu lhe explico porque. Para agradar aos auditorios, a declamadora deve enriquecer o seu repertorio com poesias tristes, alegres, heroicas e ligeiras, não se deixando seduzir por um só genero. Mas...

— !...

— ...sempre que declamo, não sei porque, sinto uma immensa inclinação pela "Dindinha Lua...", de Adhemar Tavares...

— Será essa a preferida, então...

E ella não querendo confessar:

— Não, não senhor, gosto de "Dindinha Lua..." como das outras que declamo !...

—

— Gosto de cães. Tenho um — a minha endiabrada "Diana". Linda e travessa, que não deixa os canteiros do nosso jardim em paz...

E transportando o pensamento para longe:

— Ella é terrivel !...

Agora Didi Caillet sem uma pausa, sem um segundo de silencio ou de reticencias nos attendia promptamente a outra pergunta, assim:

— Isso até hoje. As minhas bonecas... Se eu lhe disser que as tenho ás dezenas...

E, logo em seguida:

— Entre ellas, sim, ha uma que é a predilecta...

Mostrando a que abraçana photographia em que as rosas a abraçam:

— E' esta: a Katuska...

E como recordassemos a impressionante figura do romance de Tolstoi ella voltou:

— Devo á Dolores del Rio o nome da boneca.

E desembaraçada:

— Vi-a viver a Katuska da "Resurreição" num film. Eu que gosto della, lembrei-me de dar á minha linda boneca o nome da personagem que ella representou...

E, abrindo os braços como o menino faz quando quer dizer que está innocente:

— E' por isso que a minha querida se chama Catucha...

—

Folheavamos o album de photographias de "Miss Paraná". Aqui ella nos apparecia como uma authentica escosseza. Ali uma camponeza portugueza, nesta pagina, o revólver em punho, um authentico "pirata do mar" e nesta outra a cabeça linda emergindo de um mundo de rosas...

— E esta ? — indagamos detendo o olhar na photographia.

Ella, graciosa:

— Eu, vestida de Ramona !...

E, os sorrisos e as phrases embriagadoras, contou:

— Dizem que a "Ramona" dá azar. Fiz essa fantasia e vesti-a, nada me aconteceu. Aprendi a tocar a "Ramona", e nada. Cantei a "Ramona", ao violão — na mesma. Veiu o concurso e no dia da apuração dos votos, bem defronte de nossa casa, tocavam a "Ramona"... Houve quem me desanimasse... mas a "Ramona" me fez — não acha ? — Miss Paraná...

—

— Eu lhe conto, sim, a minha mais triste emoção...

E vestindo os olhos de uma expressão maguada e despindo os labios de sorrisos:

— Eu assistia uma festa no Asylo de São Luiz, lá em Curytiba. Os meninos desamparados que ali se educam organizaram um lindo programma. Uns cantaram e tocaram e outros declamaram. Quasi ao findar a festa surgiu no palco um meninozinho esqualido e de olhar sem brilho. Elle começou a recitar e eu comecei a sentir crescer no meu intimo uma grande amargura. Elle dizia — recitando — que pela manhã, ao acordar, se inundava de felicidade ao receber os beijos da mamãezinha boa... mas coitadinho ! — a felicidade que elle dizia possuir — estava longe de ter, por ser um orphãozinho ! Não calcula como fiquei triste, ouvindo-lhe o recitativo, no qual havia a maior ironia para o seu destino...

E, uma sombra de tristeza no rosto:

— Elle, sem mãe, dizer que a sua grande ventura era possuil-a !...

— Um mez essa emoção continuou, perdurou no espirito. E só me tranquillizei quando pude realizar um festival em beneficio do asylo onde estava o pobrezinho que tivera, naquella noite, a sua mais riscinha illusão...

Quatro attitudes de Didi Caillet

—

— Não vou a Gavelston. E' nosso proposito — isso nos dizia, agora, "Miss Paraná", sacudindo o dedinho indicador — ir á Europa, brevemente, e em seguida ao Oriente — por cujos mysterios e singularidades eu tenho uma incontida fascinação.

E, na vivacidade encantadora que a caracteriza:

— Sou um espirito que aprecia o Passado com as suas reliquias artisticas e historicas. E por isso que entre viajar á America do Norte e ao Oriente — nem vacillo, preferindo ir mergulhar os meus olhos nas paysagens seculares onde cada pedra e cada inscripção é a pagina de uma Historia...

— Dos paizes que tem visitado, qual o que mais aprecia ?

— A Italia, com as suas velhas cidades e seus monumentos — obras de arte que não envelhecem !...

—

Estavamos já á porta do Palace Hotel, de volta. A senhorita Didi Caillet nos deixara ali, sorrindo e sorrindo já attendia outras pessoas que a procuravam. Descemos as escadas de marmore pensando — a imaginação é tão caprichosa ! — naquelles versos que ella com tanta alma recita:

"Dindinha lua, dá-me um vestido
Dindinha lua, dá-me dinheiro !..."

E pensando na simplicidade desse verso, que liga os desejos da gente aos caprichos da namorada dos poetas, sentimos vontade de levantar os olhos para o céo e pedir tambem.

"Dindinha lua, não deixa que ella se vá."

BARROS VIDAL.

Com sua sobrinha Mary, filha do deputado Pedro Calmon

De Pirata

Didi Caillet Miss Paraná

De Escosseza

De F...

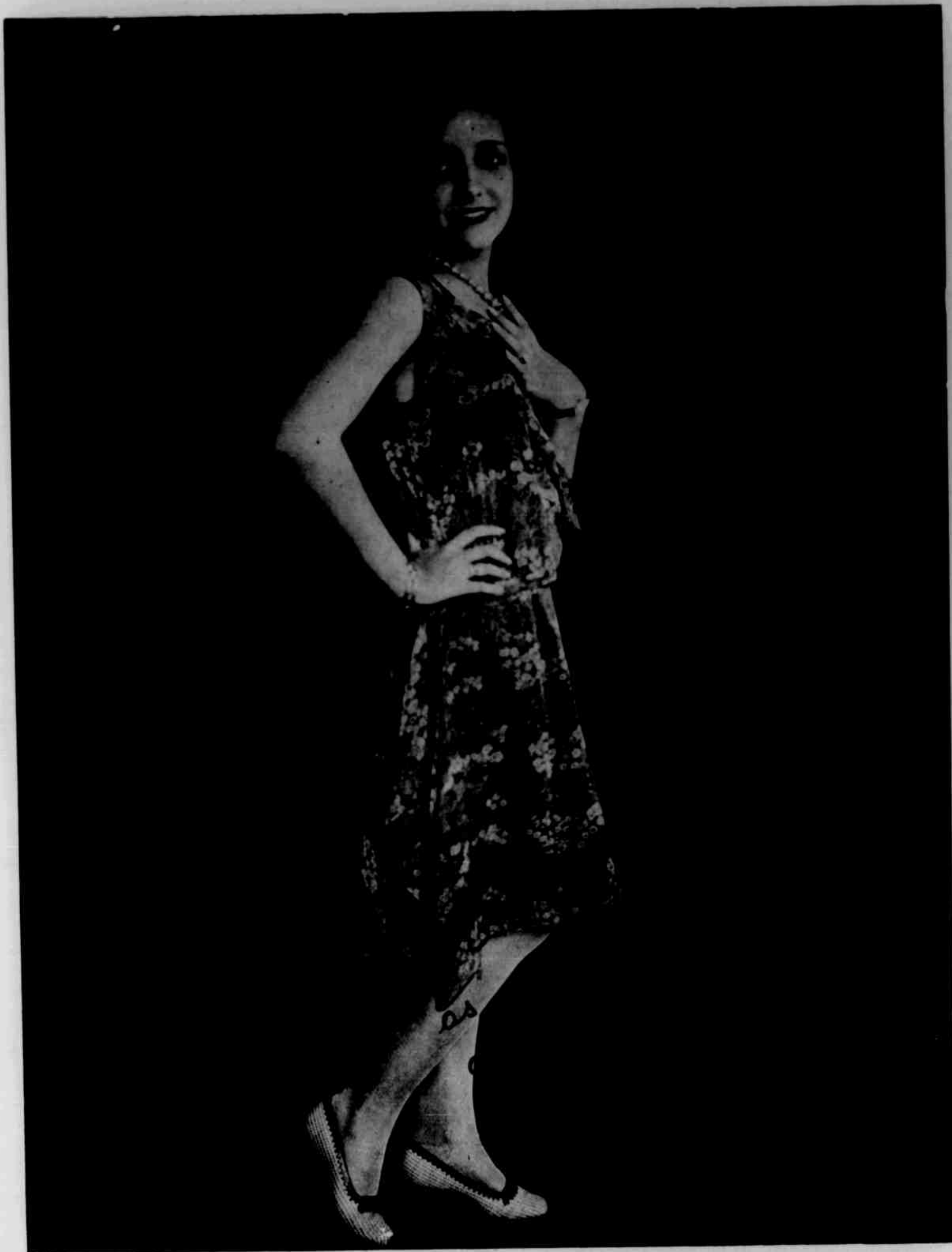
Com o seu casal de bonecos

De Ramona

De Fadista

A representante de Pernambuco no concurso de belleza nacional festejada no Centro Pernambucano

MISS PERNAMBUCO ENTRE SEUS CONTERRANEOS

SENHORITA CONNIE BRAZ DA CUNHA

Senhorita Nair Pedreira de Freitas
Miss Bahia
Photographia por ella offerecida gentilmente a "Para todos..."

Durante a festa artistico-literaria que a colonia paraense do Rio offereceu no Club de Regatas Botafogo á senhorita Elza Bezerra, Miss Pará.

Miss Rio Grande do Sul, Miss Brasil e Miss Paraná na festa do Calouro que encheu de alegria o salão da Associação dos Empregados no Commercio.

O CENTRO da capital paulista tem a fórma de um triangulo mais ou menos rectangulo, cujos tres lados são: a rua Direita, a rua 15 de Novembro e a rua S. Bento. A mais bonita é a rua 15 de Novembro onde existe o Cinema Triangulo que funcciona durante o dia e se acham installados em predios cotubas os grandes bancos. De tarde ficam muitos italianos nas calçadas impedindo o transito, o que é um desaforo porque a gente quer passar e não póde. Ouvi dizer que a italianada se reune alí para vigiar o dinheiro que possue na Banca Francese ed Italiana per l'America del Sud e eu acredito que seja verdade.

A praça Antonio Pradó fica no fim da rua 15. Antigamente se chamava largo do Rosario. Tinha a confeitaria Castelões onde a gente comia quatro empadinhas de camarão muito gostosas e só pagava duas porque a gente não era trouxa. Hoje existe a Brasserie Paulista onde as familias não podem ir á tarde porque é mal frequentada. Ha tambem o "Correio Paulistano" que é um jornal muito velho e que elogia certas pessoas só durante quatro annos e o "Estado de S. Paulo" que aos domingos dá trinta e duas paginas e até mais com bonitos annuncios de automoveis e cinemas mostrando bem o progresso de S. Paulo.

Depois vem a rua S. Bento. Esta rua é bastante sympathica, asphaltada, com o predio do Crespi que tem nove andares. O que hoje não é nada porque ha no centro da cidade e fóra delle mesmo construcções que têm dez, doze e quinze andares de forma que S. Paulo continuando assim é capaz de bater a propria Nova York.

A rua S. Bento começa na estatua de José Bonifacio e acaba no relogio de S. Bento. No largo desse relogio fica todas as tardes uma porção de criadas que é mesmo uma vergonha. Tem tambem muitos automoveis de luxo mas os chauffeurs são uns aguias e a policia nem se incommoda.

A rua S. Bento pega de um lado a praça do Patriarcha onde existe no meio uma columna que é mesmo uma indecencia. A maior atracção dessa praça são os grillos a cavallo. Pára gente o dia inteiro só para ver a pose engraçada delles.

Olhando meio de lado para o viaducto do Chá encontra-se o predio da Casa Mappin Stores. Em frente delle ha sempre almofadinhas de varias idades que tomam sol horas a fio só para dizerem piadas ás moças que passam desacompanhadas. São os elegantes da cidade na maioria tão cretinos que até a gente fica com pena delles.

Por ultimo vem a rua Direita completamente torta. E' a mais chic da cidade. Nella as meninas que querem casar e as mulheres que querem outra cousa se exhibem principalmente aos sabbados. Então os moços ficam parados á beira das calçadas e ellas vão da Casa Mappin á Casa Lebre e depois voltam. Isso a tarde inteira sem parar. Parece que em Paris tambem é assim e é por isso que a policia não leva os taes e as taes direitinho para o xadrez. Mas que mereciam, mereciam mesmo.

Na rua Direita é que está a Casa Allemã. No ultimo andar desse estabelecimento commercial é que está o salão de chá que desbancou o da Casa Mappin. E' muito limpo mas o pessoal que vae lá só quer saber de se mostrar e namorar. Uma especie de corso da Avenida Paulista parado e fechado com direito a comidas e bebidas. Pelo menos tem o mesmo fim.

Ainda nessa rua Direita ficam reunidas em grupo as pessoas que falam mal da vida alheia. São muitas e quasi todas de bonita posição. Tudo que dizem é inventado mas não faz mal porque dá prazer e faz effeito. Para esses sujeitos todas as mulheres de S. Paulo enganam os maridos quasi sempre com elles mesmos sujeitos. E ahi é que está o gôso. Parece que todo paulista já nasce com esse costume feio de inventar e contar escandalos da sociedade. E' só para isso que existem o Automovel Club, a porta do *Jornal do Commercio*, os salões de barbeiro, o refugio da praça do Patriarcha e outros logares.

Fóra do Triangulo ha ainda ruas e praças importantes como a rua Libero Badaró que já foi muito pandega mas agora tomou juizo e se alargou: a praça da Sé com uma cathedral que se acabar será a primeira da America do Sul de tão alta e larga, uma especie de garage ao ar livre e varios pausinhos pintados de branco e vermelho para o carioca pensar que S. Paulo é uma cidade de formidavel movimento e morrer de inveja: o largo de S. Francisco em que fica a Faculdade de Direito de onde sahiram a Abolição e a Republica e hoje sáem funccionarios publicos; o largo do Palacio, logar muito historico porque foi nelle que o padre Anchieta fundou a cidade sem prever o monumento da fundação porque se previsse não fundava nada; a avenida São João muito querida dos vendedores ambulantes e dos senhores membros da Camara Municipal; a rua da Boa Vista que de repente pára porque o viaducto não ha meio de sahir mas é muito necessario pois encurtará a distancia que separa o hotel d'Oeste, onde se hospedam os directorios do interior, do palacio do Exmo. Governo, e assim por deante.

Eu embirro solennemente com o centro da minha cidade natal. Por isso, se fosse a policia, mandava fechar o Triangulo e prendia toda a gente que vive nelle, menos o vassoureiro que apregôa em francez, o velhinho das castanhas seccas, o Bródo, o cégo da travessa do Grande Hotel e uma pessoa que eu não digo porque essas são creaturas innocentes que não têm culpa do progresso de S. Paulo e dos seus fóros de cultura e civilização.

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

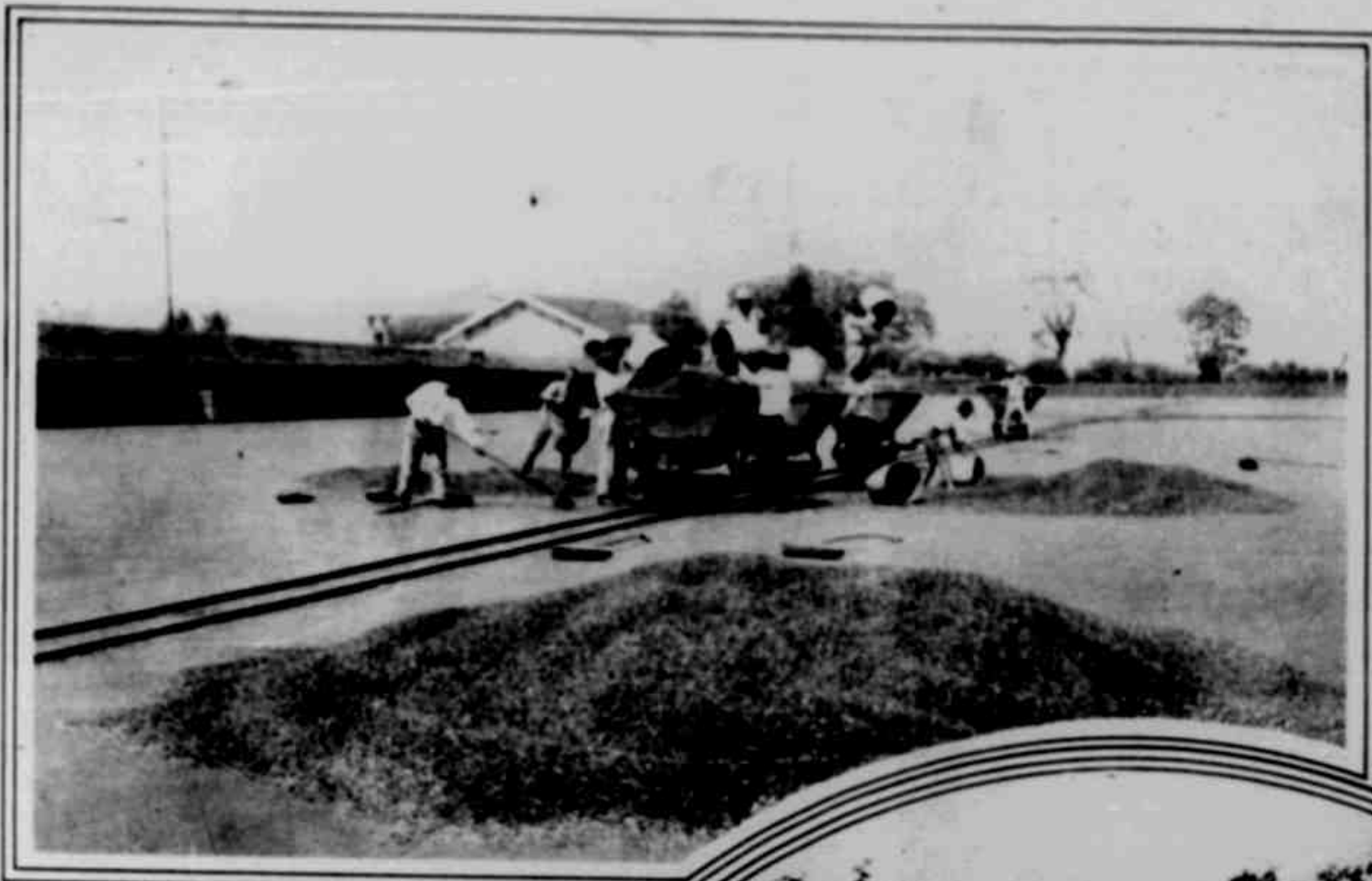
A ENCHENTE NO BOM RETIRO

S. PAULO

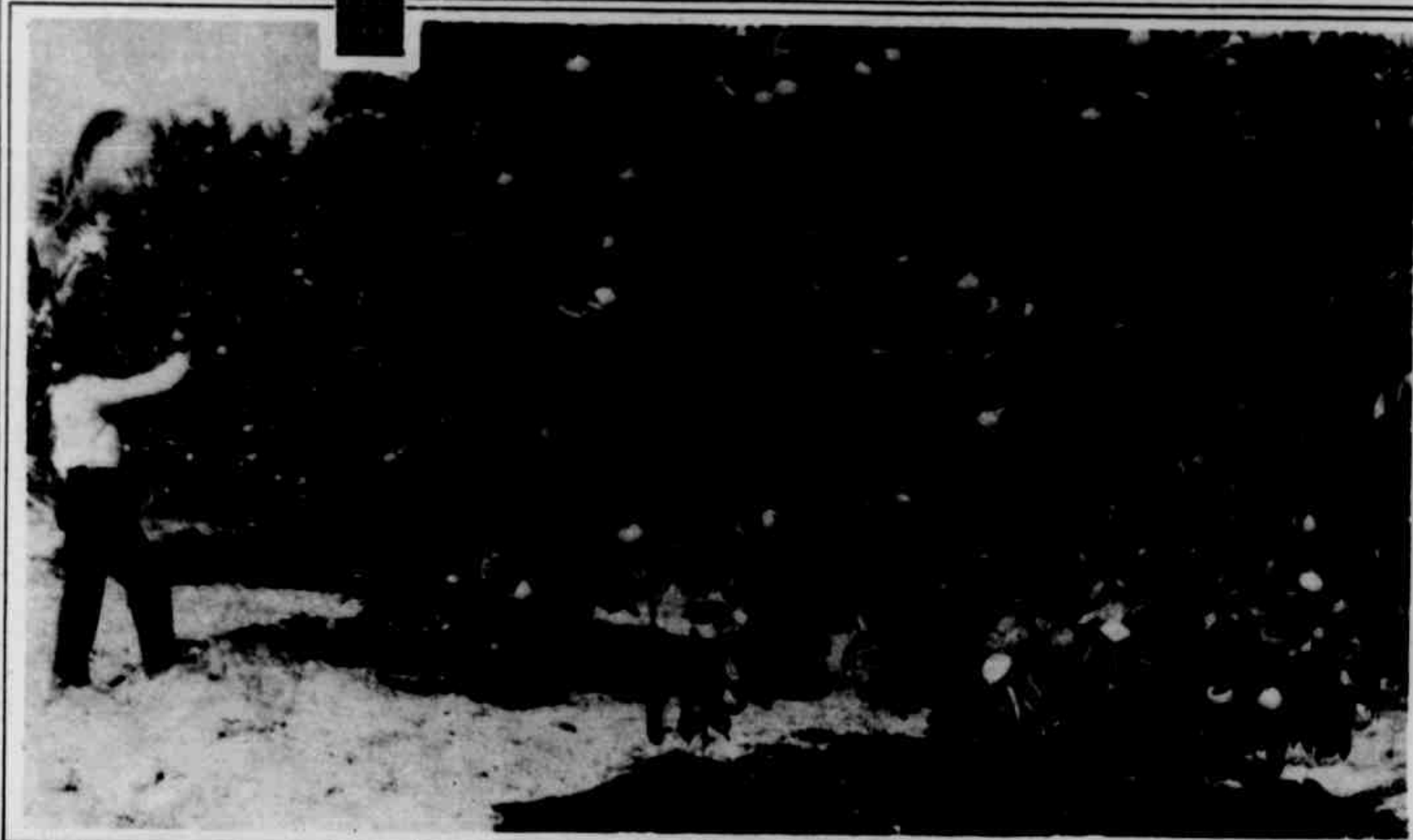
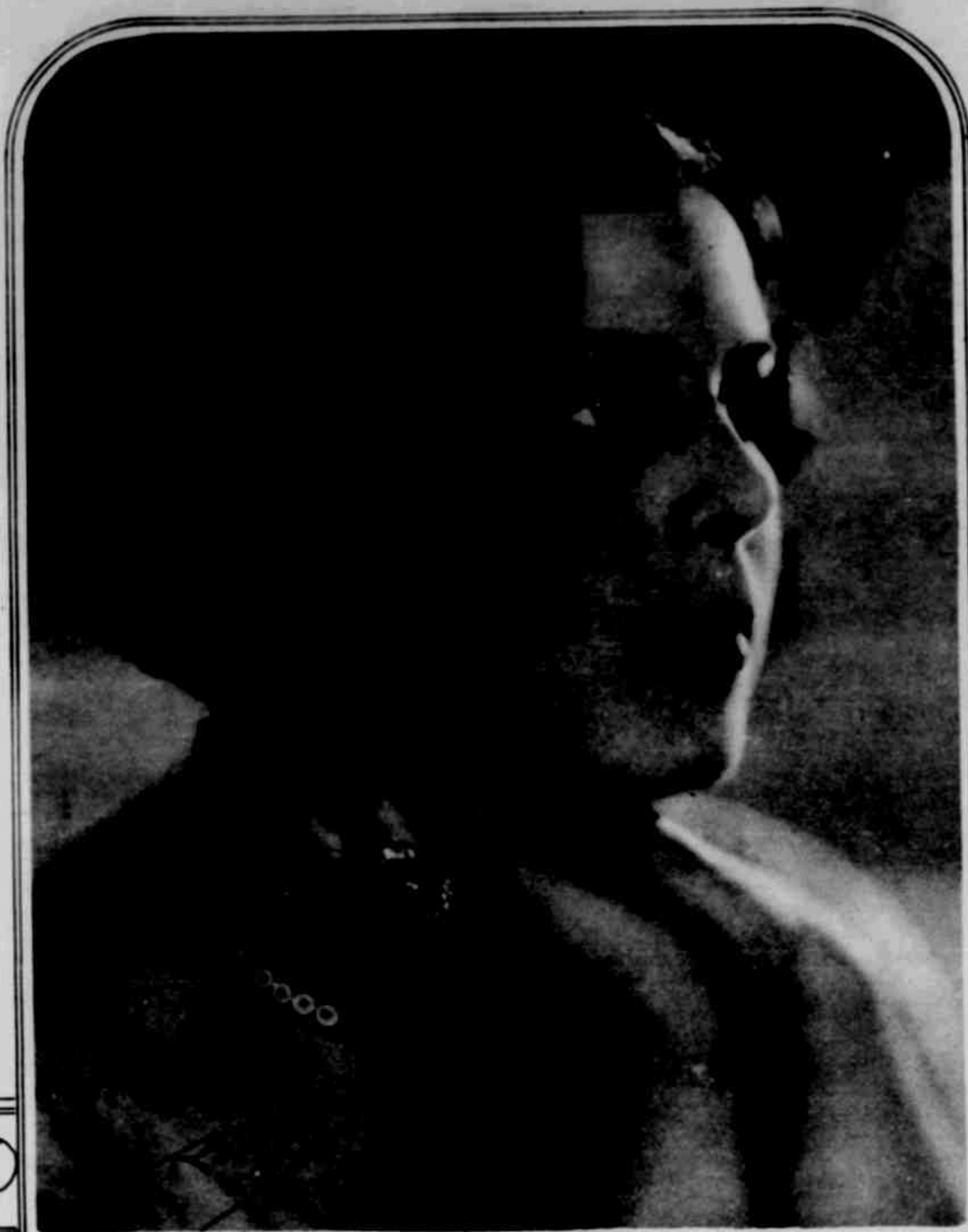
A ENCHENTE NO BOM RETIRO

S. PAULO

ASPECTOS PITTORESCOS DA ENCHENTE

FLAGRANTES DA CIDADE COMPLETAMENTE INUNDADA

UMA PLANTAÇÃO DE
LARANJA LIMA

S. PAULO

NA FAZENDA DE CAFE'
BOA VISTA

DE SOCIEDADE

SENHORITA BLANCHE SCHOUERI

SENHORINHAS BELKISS E YVONNE DE GODOY, FILHAS DO SR. ADOASTO DE GODOY, DIRECTOR DA "NOTA DO DIA" — S. PAULO

Mascaras

ALBERTO SPAINI

Todo o homem que occulta o rosto sob uma mascara prova ter um espirito superior. Quem póde, por simples divertimento, esconder a sua verdadeira personalidade e adoptar esta ou aquella á sua vontade, e... e tornar ao seu verdadeiro eu na primeira occasião, guardando apenas desse disfarce uma recordação alegre e ligeira, deve estar absolutamente seguro de si mesmo e daquillo que o cerca.

Todo o romantismo moderno e ultra moderno que faz o homem trazer sobre o rosto, tres, seis ou nove mascaras, sem que elle proprio saiba o que a mascara é e quanto o seu verdadeiro aspecto torna inutil esse artistico pedaço de papelão ou de seda destinado por uma louca fantasia a imitar coisas nunca vistas; e tudo isto, esse pedaço de papelão ou de panno grava fundo na fronte dos pobres historicos do nosso tempo: já não é uma mascara, é uma verdadeira physionomia, uma careta um pouco mais complicada do que as que elles ensaiam ao espelho antes de sahir, afim de se illudirem a si mesmos.

Depois de glorificada como arte, a mascara, por uma consequencia de extremo romantismo, passou a ser um mero divertimento no rosto do homem-supremo ardil feminino, que as mulheres não são mais do que perpetuas mascaradas — o mesmo succedeu ao carnaval que morreu, porque em vez de um só, está disseminado por todas as estações do anno.

Os escribas, os hypocritas, os legisladores, os chefes do Ministerio da Moralidade, deveriam tomar em consideração os damnos e disturbios provenientes da alteração dos antigos costumes no que diz respeito ao carnaval. Nos seculos passados a lei determinava que uma vez por anno se désse expansão completa e sem peias a esse desejo de loucura, de incongruencia de bestialidade que dia a dia se accumula no homens e fica depositado no fundo de sua alma. O mais pacato dos cidadões acabaria louco ou commettendo um crime qualquer se durante todos os annos de sua longa existencia tivesse de recalcar continuamente os seus instinctos. Foi, pois, uma medida de grande prudencia a creação do carnaval que, concedendo aos homens uma semana de completa loucura, dá-lhes o resto do anno para serem uns modelos de bom senso.

O domingo tem a mesma utilidade, pois é reservado não só ás creanças como tambem aos adultos que, nesse dia, pódem descansar dos trabalhos e negocios sérios do resto da semana, expandindo o que de infantil perdura no espirito de todo o homem.

Quem de nós não teve jámais a tentação de puxar o nariz de um grave e poderoso estadista se elle tem, por ventura, um ar idiota, dar-lhe um socco no ventre se tem fama de canalha, ou passar mesmo a vias de facto mais sérias se é violento e máo? Quem não experimentou verdadeiras torturas por não poder dar um beliscão na presidente de uma Commissão de honra emquanto a entrevistamos? Quem já não tentou abafar desejos ainda menos confessaveis em pleno salão de festa repletos de gente da mais alta seriedade? Mas todos nós soubemos resistir a essas tentações, recalcando-se no amago da nossa alma e nada transpareceu no nosso semblante. Mas teriamos resistido sempre a esses impulsos se não tivessemos aquella abençoada semana de carnaval, em que nos são permittidas loucuras de toda especie?

Observando o que se passa em torno de nós, veremos que essa duvida tem sua razão de ser.

E' verdade que o carnaval desappareceu; mas todos os dias do calendario se pódem transformar em terças-feiras, a famosa terça-feira de carnaval, tão cantada em prosa e em verso em todas as literaturas de todos os paizes. Numa noite de chuva e vento, atmosphera pesada, saturada de melancolia, em vão tentámos divertimo-nos; o vinho tinha um travo de fel; o riso, no rosto enfarinhado dos "pierrots" parecia-nos de uma banalidade desesperadora. Em vez de um divertimento innocente como os das creanças, parecia-nos estar a commetter um crime. Diagnostico geral: indigestão moral. O amor morreu, os pulmões soffrem, e pela tarde nebulosa parecenos ouvir no tilintar funebre das campainhas acompanhando a procissão dos grippados: "Tu és pó e ao pó voltarás!"...

Velho e conhecidissimo quadro de genero este. Olhae, porém, em torno, caros amigos: fazei um pequeno exame de consciencia e dizei-me quantas vezes desgostosos, exhaustos, nauseados, não fostes vós mesmos o eterno protagonista daquelle velho quadro romantico?

Não sei se a culpa é vossa ou de vosso pae que não vos soube dar a educação conveniente que vos fizesse comprehender a justeza destes velhos dictados do povo: o que é bom dura pouco e cada coisa vem a seu tempo. Fazeis serão no domingo e misturaes o carnaval com a quaresma como as pessoas elegantes que dormem na sala de visitas, porque quartos de cama é coisa para réles burguezes.

Nessas interminaveis terças-feiras de carnaval e nessas quartas-feiras de cinzas sem arrependimento e sem consolação, passam as semanas e os mezes, passam os annos. Quantos dias desses ha em que as brincadeiras nos dão vontade de chorar, em que rimos do que é sagrado, porque não ousamos mais mostrar que nos infundem respeito. O enthusiasmo pelo bello e pelos sentimentos elevados faz corar de vergonha os espiritos mesquinhos demais para poder sentil-o.

Atravessamos uma época de desprezo pelo bello, insipida como uma paysagem sem horizonte; e quando alguem, como um rouxinol que nos delicia com o seu canto repassado de sentimento, se ergue dentre a multidão, esta, como corujas invejosas, o faz calar, porque está fóra da moda.

Têm razão as corujas, pois os rouxinóes recomeçariam a cantar sem medo se dessem ao carnaval a sua verdadeira significação, deixando os outros trezentos e sessenta e tantos dias do anno para o trabalho e os prazeres ingenuos; e se nessa semana consagrada á folia o homem escondesse o rosto com uma enorme e grotesca mascara de papelão, elle teria a necessaria coragem para trazer a descoberto a sua verdadeira personalidade durante as outras cincoenta e uma semanas do anno?

CHA' EM BENEFICIO DA ASSISTENCIA DENTARIA INFANTIL

Em cima, da esquerda: misses Sergipe, Parahyba, Alagôas, Rio Grande do Sul, Pará, Bahia e Espirito Santo.

Em baixo: mesa das misses Parahyba, Alagôas e Bahia.

DONA AMELIA REY COLAÇO E O GALÃ ALVARO BENAMOR NUMA SCENA DE "ROMANCE", PEÇA DE ESTRÉA DA COMPANHIA AMELIA REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO NO THEATRO LYRICO.

DONA AMELIA REY COLAÇO

NO velho, primeiro camarim, do Theatro Lyrico, por onde têm passado tantos nomes illustres da scena mundial, a Sra. Amelia Rey Colaço, tem a delicadeza de receber-nos. Era na vespera de sua estréa com a peça de Sheldon, *Romance*, que um tão vivo successo havia de fazer, algumas horas depois. No palco desguarnecido, uma multidão de carpinteiros e electricistas afinava o scenario para o primeiro espectaculo. Como directora da companhia, a Sra. Rey Colaço acompanhava attentamente o trabalho de afinação. Não queriamos tomar-lhe o tempo...

— Mas não! exclama a festejada artista. Não me tomará tempo nenhum. Venha. Sente-se.

Num gesto de extrema cortezia indica-nos a melhor cadeira. Um momento ficamos a fixar aquella physionomia aberta em amabilidade, aquella graça feito mulher. Uma boneca de palco... Um enfeite de salão... Mas ás primeiras palavras da Sra. Rey Colaço, endireitamos o corpo na cadeira. Ella falava de tal modo, emittindo, de inicio, conceitos tão justos, numa linguagem tão primorosa, que os nossos olhos tiveram que deixar a contemplação embevecida da mulher para sentir a fascinação daquella intelligencia. A sua palvara, neste momento, é uma torrente cascateante. Um jornalista brasileiro? Uma entrevista para *Para todos*...? Mas com o maior prazer! E Alvaro Moreyra? Como ia Alvaro Moreyra com a sua linda tentativa de arte do *Theatro de Brinquedo?*

— Interrompida, infelizmente.

A artista deixou escapar uma exclamação de pezar sincero.

— Nós soubemos, em Lisboa, que effectivamente essa admiravel tentativa tivera que ser interrompida. Mas recomeçará certamente, não é assim? Não calcula a extraordinaria impressão que levamos, eu e meu marido, quando aqui estivemos em 1927, da encantadora tarde que Alvaro Moreyra nos proporcionou com o seu *Theatro de Brinquedo*. Elle teve a fidalguia de nos convidar. A emoção dessa tarde de arte pura ficará por muito tempo dentro do meu coração. Quando cheguei ao Theatro Cassino senti-me num ambiente muito meu; tive a impressão de que eram meus irmãos todos aquelles que ali se achavam representando. Em Lisboa, falei a toda gente disso. E no meu sonho de voltar ao Brasil, nunca perdi a esperança de ver recomeçado um esforço tão lovavel.

— Sonhava voltar ao Brasil?

— Sem duvida. Sempre sonhei com o Brasil, desde os meus tempos de menina. Sei que alguem estranhou no Rio que sendo eu uma artista que gozava na minha terra do favor publico não tivesse querido vir ao Brasil até Outubro de 1927. Não tivesse *querido vir!* Como si fosse isso possivel! A minha demora em visitar este paiz de maravilhas foi apenas fruto de circumstancias especiaes. O Brasil, para nós, artistas portuguezes, é o Passaro Azul da lenda, o Baptismo de Gloria que se espera e pelo qual se anceia. Não ha grande artista portuguez sem a consagração do Brasil. E' a grande Patria, nossa filha bem amada, orgulho da colonisação portugueza do tempo das conquistas, que através do Atlantico, com quarenta milhões de habitantes, de longe nos estende a mão para coroar o nosso esforço com uma grinalda de rosas. Não poderá imaginar facilmente a minha commoção de que me sinto presa quando piso estas terras sagradas do seu paiz. Tanto assim é que eu nunca quiz vir ao Brasil desapparelhada artisticamente, para correr risco de não vencer. E' essa uma das razões da minha demora. Quiz apurar bem a minha companhia, escolher primorosamente o meu repertorio. Foi assim em 1927; será assim agora.

— Traz um bom repertorio?

— Oh! De primeira ordem. Moderno, interessante, escolhido. Nessa materia tivemos, eu e meu marido que é o meu braço forte, um especial cuidado. Não comprehendo que se possa vir ao Brasil de outra maneira. E' preciso respeitar este publico cheio de intelligencia e de sagacidade.

— Quaes as peças que reputa as melhores?

— São tantas! Temos quarenta e cinco peças no nosso repertorio.

— E entre essas, quaes as que prefere?

— Eu não lhe saberia responder com precisão. De um modo geral, gosto de todas. Por que estudei todas ellas, a todas dei um pedaço de minha alma, uma parte da minha sensibilidade. Com todas vibrei diante do publico, pois já as representei uma por uma. Entretanto, esta ou aquella, pela these ou pela finalidade psychologica poderá corresponder mais intimamente ás resonancias interiores da minha alma, ás exigencias do meu temperamento. Si quer saber, colloque num dos primeiros logares esse lindo e enternecedor *Romance* de Edwards Sheldon com que devo estrear amanhã. E' uma historia de amor, como tantas outras... Mas repassada de uma poesia, de um perfume de coisas mortas, de um encanto simples do passado que grandemente me enternecem. Reservo este meu trabalho para o publico como um dos mais sentidos. Igualmente *Topasio*, de Marcel Pagnol, peça de justo successo em Paris, me delicia pela audacia, pela novidade, pelo brilho. E outras e outras... Meu Deus! que sei eu? Que hei de dizer dos papeis que procuro interpretar? Que a todos, uma vez escolhidos cuidadosamente e amorosamente estudados, procuro dar a mesma vibração. Perguntem a uma mãe, que têm muitos filhos, qual delles prefere? Ella ficaria no mesmo embaraço em que me encontro para responder... Todavia, eu não estranho a sua pergunta. Curioso. Quasi todos os jornalistas com que conversam fazem esta mesma indagação. A todos tenho que confessar a minha difficuldade em os satisfazer. Não lhe poderei igualmente dizer a ordem em que a companhia representará as peças que destina, de preferencia, ao publico do Rio, por que isso consulta mais a uma questão de administração. Dir-lhe-ei, entretanto, que daremos com certeza a *Salomé* de Oscar Wilde, na interessante traducção de João do Rio, que, em Lisboa, incorporamos ao nosso repertorio.

Nesse momento, o Sr. Robles Monteiro que dirigia pessoalmente no palco, em mangas de camisa, o trabalho de ajustamento dos scenarios, vem sentar-se um momento, para dizer a sorrir com satisfação:

— E' uma luta. Mal chegamos, é este atropello. E depois para aproveitar o tempo durante o dia que á noite queremos aproveitar, para ver alguma coisa de tantas coisas admiraveis que os senhores têm, em materia de theatro, de cinematographo...

— Foram ao theatro?

A Sra. Amelia Rey Colaço toma a palavra com animação:

— Sim, hontem, após a chegada. Desembarcamos ás 7 da noite. Calcula. Fatigada da viagem, ainda aproveitei a noite para ir ao Trianon, ver Procopio Fer-

Team do America

FOOT BALL

CAMPEONATO CARIOCA

Instantaneos do jogo entre o America e o Botafogo, no estadio do Fluminense. O America venceu por 3 × 2

reira. Eu ouvia falar muito desse homem em Portugal.

— Gostou?

— Pude vel-o na peça *Que santo homem*, de Munoz Seca. Si disser que gostei, não exprimirei com inteira verdade a minha impressão. Gostar, é pouco. Admirei-o. Admirei-o profundamente, com toda a alma do meu coração. E' um artista admiravel. E' um comediante notavel. Sem favor. Encantou-me a sua sobriedade. Deleitou-me a arte de representar.

E a seguir mais vivamente, num pensamento de cordialidade:

— E por que não foi ainda esse homem á minha terra? Por que não quiz fazer conhecida a sua arte no meu paiz? Isso me entristece!... Por que seremos nós sempre que havemos de vir a vós? Não seria uma obra patriotica o intercambio que resultasse nos dois paizes do conhecimento reciproco dos seus artistas?

Robles Monteiro approvava calorosamente as impressões de sua mulher. Então, Dona Amelia dá maior amplitude aos seus pontos de vista quanto a essa face do problema do nosso celebrado intercambio.

— Digo isso não apenas com referencia ao theatro de comedia que Procopio Ferreira tão dignamente representa aqui. Mas igualmente quanto ao theatro de revista. Surprehendeu-me a riqueza, o esplendor das montagens, o luxo, o gosto da indumentaria. E a musica sobretudo, com os seus rythmos singulares, tão originaes e, ás vezes, tão imprevistos, seria em Portugal uma novidade. Na musica da revista brasileira póde-se sentir a infinita poesia da grandeza deste paiz, o perfume das suas florestas mysteriosas, o murmurio dos seus rios fecundos, o anseio da sua raça. Portugal sempre receberá de braços abertos tudo quanto possa ser manifestação de arte do Brasil. Ha dois para tres annos lá esteve Leopoldo Fróes, outro grande nome na scena brasileira. O publico portuguez fez-lhe as maiores manifestações de carinho.

Um effeito de luz, no palco, que requeria a approvação da illustre artista privou-nos neste momento da sua companhia, do fulgor da sua palavra, do encanto da sua presença...

J. A. Baptista Junior

COPACABANA

A NOSSA linda Copacabana é uma mulher paradoxal que tem duas physionomias e dois vestidos... Quem lhe vê a magnificencia das avenidas largas com o vestido de sêda cara dos seus "bungalows" e olha, lá em cima, no Morro da Babylonia, os trapos das suas càsinhas tôscas, sente uma emoção estranha ante destinos tão differentes na riqueza e no esplendor do mesmo magico scenario. E' uma mulher paradoxal e incomprehensivel porque ao mesmo tempo que ri, embriagada de felicidade, para o mar, chora, tonta de desgraça, para a floresta que lhe veste o verde dos morros com as mais subtis tonalidades.

E é nesse contraste que mais realça a gloria da Copacabana sonhadora — os pés mettidos na areia branca, o coração no ouro e na alegria das suas ruas planas e os olhos, ennevoados de lagrimas, na miseria dos morros...

A' noite, então, esse contraste mais se accentua ainda, porque emquanto as mãos do Homem vestem de luz o collar maravilhoso da praia, as da Natureza deixam cahir, pesadamente, um largo tôldo de trevas sobre a Babylonia sem luz, sem clarões e sem sonhos...

———

Para o reporter ávido de emoções, a Copacabana maltrapilha, faminta e descalça tem mais seducções que a vestida de sêda e de felicidade... Vencendo o tunnel que envelheceu ao milagre do outro que remoçou, desviamos os nossos passos para a subida ingreme, tão differente daquellas ruas da Copaçabana feliz, calçadas no asphalto luzidio que tanto suaviza as caminhadas... E lá do alto a visão maravilhosa dos arranha-céos que começam a rasgar o azul que até agora só os olhares da Copacabana miseravel rasgavam, com os seus ardentes desejos de um destino melhor, nos distrahiu os olhos, prendendo-os por momentos, até quando nos surgiu, vagaroso e sublime, no occaso de um vestido verde, um alvorecer de mulher... A creaturinha meiga era um pouco do espirito daquellas paragens pobres, debruçadas sobre as paragens ricas que começam onde ellas acabam e vão morrer no mar... Recebeu a nossa curiosidade, ali mesmo, como se aquelle pedaço de terra vasio de vegetação fosse a sala de visitas da sua casa, as mãos cahidas ao longo do corpo, os olhos muito negros, as faces muito pallidas e os labios sem a mancha mentirosa do "baton".

— Que quer de mim?

— Ouvil-a!

— Por que?

— Por que foi você que o Destino nos offereceu para o nosso primeiro contacto com a Babylonia!...

Uma expressão de susto no olhar e de receio nas mãos tremulas, ella resistiu ao passeio dos nossos olhos pela magreza do seu corpo, pela miseria das roupas que mais côres tragicas dava ao seu aspecto e pela melancolia que lhe punha sombras dolorosas no rôsto.

— Mora aqui ha muito?

— Desde que nasci...

— Donde gosta mais: daqui ou lá de baixo?

Respondeu, sem uma palavra, deixando o dedo indicador cahir no espaço, apontando o chão que nós pisavamos.

— Lá é mais bonito, não é? — Sacudindo os hombros com uma pontinha de desdem:

— Sim, para os que moram lá...

— E para você? — Um clarão nos olhos, respondeu: — Aqui é melhor...

E abrindo á nossa intelligencia a razão de ser da sua predilecção:

— Os lá de baixo estão perto do mar...

— E os que moram aqui?—Perto do céo...

———

— Meu sonho? — Sim...

Ella estendeu os olhos azues até ao azul do céo, como se nelle fosse buscar a resposta suspensa das nuvens e disse: — Meu sonho é Deus zelar por nós e não deixar que os lá de baixo venham com as suas riquezas, para cá...

E explicando-se melhor accrescentou que sua mãe lhe dissera que o ouro da Copacabana feliz não tinha mais terreno para erguer seus palacios e já começava a avançar, subindo o morro da Copacabana sem sorte...

— Seu nome? — Dolores...

— Onde é a sua casa? — Ali...

E apontou a casinha branca que se offerecia aos nossos olhos, lá no cume do morro, entre uma palmeira esguia e uma arvore de cabelleira vasta... — Seja feliz, Dolores.

— Obrigado, senhor.

E olhando a prata que lhe deixamos cahir na concha das mãos: — Hoje á noite, pelo menos, teremos luz lá em casa.

E desappareceu, correndo, no primeiro atalho.

———

Quando, vencidas as descidas difficeis, alcançamos os caminhos faceis da Copacabana orgulhosa, a tarde friorenta se embrulhava nas tennues gazes da mais discreta penumbra. Por momentos a Atlantica immensa, embalada na musica das vagas, nos pareceu um grande braço negro procurando arrastar o mar para dentro de si. Mas uma vertigem de luzes nos inundou os olhos e a Avenida esplendida, accendeu os lampadarios majestosos arrumando-lhes as perolas luminosas do collar que se abraça ao collo da praia maravilhosa. O nosso primeiro pensamento não foi para a visão soberba. Fugiu de nós e foi debruçar-se, emocionado, na casinha branca do morro, onde uma miseravel candeia de azeite vale mais, muito mais, que a riqueza daquelles clarões...

CHACARA DO SR. FRANCISCO DE VASCONCELLOS, REI DO ASSUCAR, EM CAMPOS

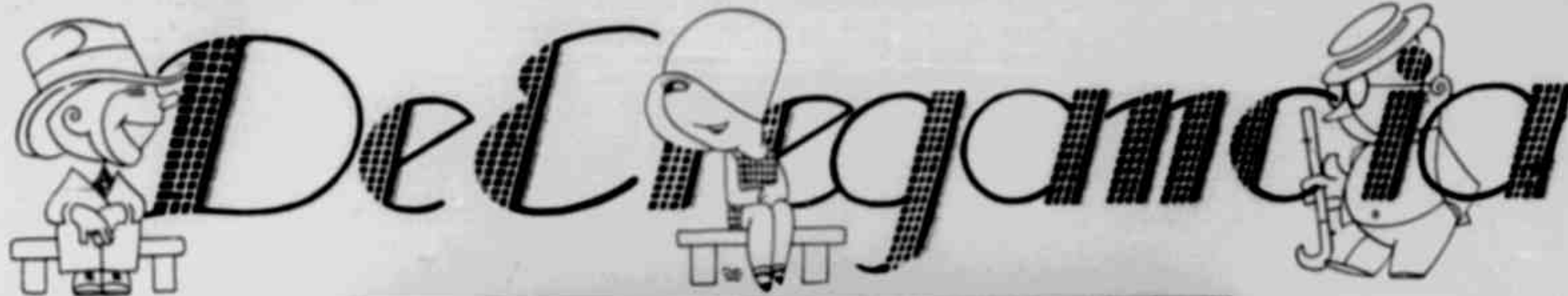
THEREZOPOLIS

VILLA DO SR. COMMENDADOR OSCAR COSTA, DIRECTOR DO JORNAL DO COMMERCIO

THEREZOPOLIS

RESIDENCIA DO DR. SILVA ARAUJO

RESIDENCIA DO DR. OLEGARIO BERNARDES

De Elegancia

DI CAVALCANTI

Di Cavalcanti não ficou lá muito contente por lhe ter eu pedido a opinião sobre a elegancia. O artista que leitores de revistas e jornaes, leitores, principalmente, do *Para todos..* tanto apreciam, é muito modesto. Di Cavalcanti, observador impiedoso traça com rara felicidade toda a especie de desenho e toda a especie de "charge".

Fazia-me elle o retrato-caricatura quando lhe pedi a opinião para esta pagina. Esquivou-se, como acima disse. Insisti. Estou habituada a taes surtos de modestia. São da regra. São obrigatorios na sociedade. Mas Di Cavalcanti não pratica esses preceitos por "snobismo". Elle é mesmo assim. Terminada a serie de notas que, a palestrar sobre a Russia, o communismo, a vida operaria desenhava em folhas de bloco, despediu-se promettendo o "interview" para depois, tavez por escripto.

Ahi vae, pois, o bilhete. Com elle, dois figurinos: um para mim e outro para a minha melhor amiga. Da recommendação surgem serias difficuldades... E eu resolvo o problema guardando para mim só os modelos elegantes.

"Minha bôa amiga Sorcière.

Confesso que fico surprezo quando alguem pede a minha opinião sobre qualquer cousa... E' porque estou convencido que a minha opinião não adeanta nada A prova é que eu mesmo vivo seguindo o lado opposto das minhas opiniões.

Sobre elegancia, por exemplo; sou absolutamente do lado dos gregos e do de uma canção hespanhola agora em voga:

"Io quiero una mujer desnuda"...

Mas, como sou obrigado a seguir justamente o contrario dos meus desejos, como dos meus conceitos, acceito a elegancia dos vestidos sobretudo dos de Paris que são os melhores na materia.

Toda mulher que quizer ser elegante deve seguir á risca os conselhos da cidade Luz, e deixar de parte os passadistas que não sabem de elegancia porque só conhecem mulheres pintadas pelos pintores da Escola das Feias Artes, modelos que varios artistas procuram nos archivos da Santa Casa...

Prefiro elegancia como a sua, por exemplo, a que você adopta. E você usa modelos de Paris, não é verdade?

Os homens elegantes não me interessam muito. O homem ideal, é o que compra roupa na rua Larga.

Acompanha esta carta o meu retrato que você não gostará porque o photographo não é muito amigo de retoques. Tambem lhe envio dois desenhos, dois figurinos: um para você e outro para a sua melhor amiga.

Recado do *Di Cavalcanti*".

Para todos... recebeu a visita de duas representantes da belleza brasileira. Não poderia deixar de falar aqui, da amavel visita, tanto mais quanto "Miss São Paulo", a lindissima senhorita Yvonne de Freitas, e "Miss Parahyba", a não menos linda senhorita Eimar Pinto Pessoa, são duas criaturas elegantes.

Yvonne de Freitas vestia, quando veio á nossa redacção, de musselina estampada sobre fundo "bois de rose", chapéo de "bakou" preto guarnecido de "crosse" de delicadas pennas lembrando os tons dos desenhos do vestido. Calçava sapatos de verniz preto bordados á lebre, do colorido da bolsa.

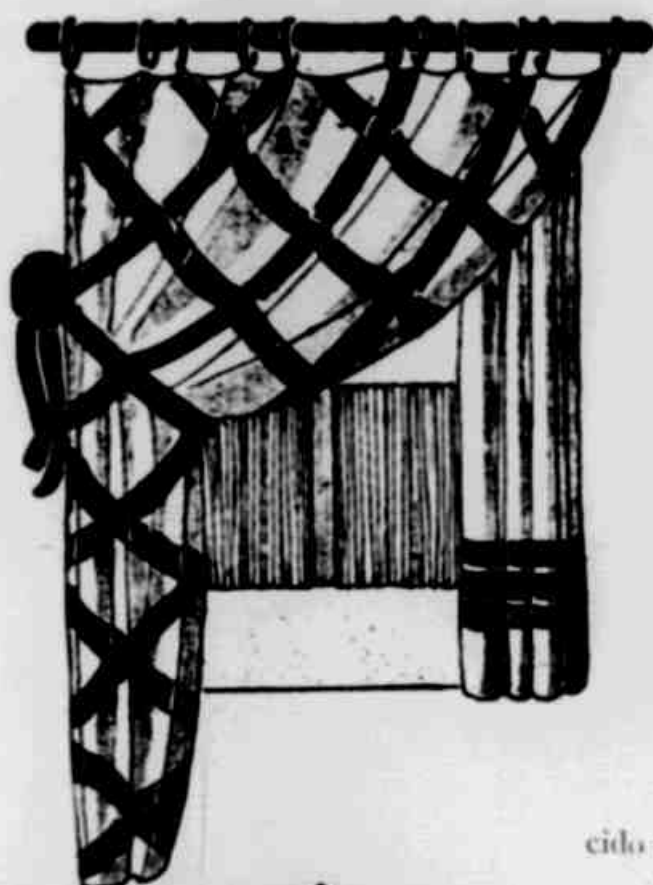
Eimar Pinto Pessôa destinava-se a uma festa, a um chá dansante. Deu-nos, entretanto, alguns minutos. E muito "chic" era o seu vestido de renda côr de poeira. Saia em forma e terminada em pontas. Blusa de talhe direito e mangas compridas ajus-

tadas ao braço. Chapeo de "bancok" côr de poeira e bonito "manteau" enfeitado de pelles verdadeiras.

—

Um gesto fidalgo: o do representante dos automoveis Stutz, o Sr. Peçanha, pondo á disposição de "Miss Fluminense" um bellissimo automovel.

—

Além dos figurinos de Di Cavalcanti, illustram esta pagina: um modelo de cortina, um de biombo e um de almofada, de tecido unido guarnecido de fita cadarco tecida em ponto de tapete.

—

Dorét publicará dentro em breve, nesta secção, conceitos sobre tratamento de cabellos e conservação da juventude. Por especial deferencia falará elle tambem dos excellentes preparados que fabrica, taes como: **perfumes, pós d'arroz, cremes, loções, etc.**

SORCIÈRE

BELLAS ARTES

Athleta — bronze — e May Bernstoff, autora do bello trabalho

Entre os artistas illustres que o Rio hospeda está a condessa Bernstoff, que ultimamente expoz trabalhos seus na Galeria Jorge. Como nos enthusiasmasse a esculptura da discipula de Bourdelle, procuramos ouvil-a na sua residencia, que é bem a residencia de uma artista.

May Bernstoff, viajadissima, de palestra interessante, culta, falou-nos dos seus trabalhos, mostrando-nos tambem a "maquette" de um "Dictador", blóco em que ella trabalha, e que de ha muito toma vulto na sua imaginação. A esculptora falou-nos vivamente desta obra que representa, a seu vêr, o homem do futuro, um Lenine ou Mussolini, que não dominará só uma parte do mundo, mas sim o mundo inteiro. Na esculptura da condessa, o dictador tem a physionomia tranquilla, embora de traços energicos. Toda a magia, porém, do "Dictador" está no olhar. E ella accrescentou que elle virá das bandas do Thibet, lendarias em materia de cultura. E o "Dictador" será versado nas cousas do occultismo. Trabalhará, outrosim, numa serie de "madonas". Serão "madonas" modernas, um tanto gothicas talvez, mas um tanto caricaturaes. Assim, teremos no inverno, provavelmente em Julho, uma grande exposição de esculptura da talentosa artista, de quem publicamos uma photographia e a photographia de um trabalho seu — "Athleta".

Emilio Notte, "Retrato de meu pae"

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

JOA-GIL (?) — Sua graphia rapida denota actividade, precipitação, cultura, enthusiasmo, ardor, precipitação, o que se confirma nas linhas ascendentes demonstrando ambição, coragem, esperança, alegria. Vê-se ainda deducção logica, poder de rapida assimilação; sequencia, concatenação nas idéas, actividade psychica. Alguma bondade, altruismo.

ESTRELLA CADENTE (?) — Escripta original revelando excentricidade, capricho, bizarria, desequilibrio, affectação, perturbações mentaes, dissimulação. Histerismo franco. O complicado traço com que frisa sua assignatura é uma prova do que ficou dito acima. E' uma emotiva, anemica, fraca, com a preoccupação de ser e parecer unica. Vaidosa, impaciente e egoista, principalmente em se tratando de amizade, o que quer dizer: muito ciumenta.

M. L. G. S. (Rio — Sua letra vertical é prova de energia, frieza, reserva, firmeza. Ha tambem bondade, indulgencia, amor ás viagens, espirito critico, clareza, ordem, precisão e lealdade.

Pouco cultivo literario, porém intelligencia clara, deducção logica e raciocinio prompto. Sequencia nas idéas, assimilação facil.

RAMONA (São Paulo) — Letra desigual: emotividade, sensibilidade, agitação, nervosismo, inquietação. Vê-se ainda que é um espirito maleavel, accommodaticio, indeciso. Tem pouco amor á verdade, gosto pelas artes e no momento de escrever estava com uma preoccupação qualquer lhe batalhando o cerebro.

Ha, na sua graphia, symptomas de perturbações cardio-vasculares. Consulte um medico.

AIRAM (Rio) — Equilibrio, moderação, calma, ordem, prudencia. Dedução logica, concatenação de idéas, bondade natural, firmeza, severidade. Elegancia de attitudes, cavalheirismo. Um pouco de pessimismo naquelle ponto negro forte com que termina a abreviatura do seu ultimo nome. O traço final com que envolve esse mesmo nome é prova de reserva, de superioridade, quasi orgulho, não gostando de se "misturar" com toda gente.

Pelo pseudonymo vê-se que ha uma Maria "atravessada" na sua vida e que lhe não sae do pensamento; não é assim?

TEIMOSA (Rio) — Letra arredondada de gente de bom coração, generosa, condescendente, porém, um pouco dissimulada e ás vezes teimosa, como seu pseudonymo. Voluvel, inconstante, alegre, cheia de esperança e ambição de vencer na vida. Quanto ao horoscopo das pessoas nascidas a 13 de Maio, é este:

São energicas, teimosas, e ao mesmo tempo cheias de generosidade e magnanimidade. Têm força mental, são espertas e atiladas nos negocios, estimadas e muito apaixonadas em tudo.

Gostam de ser elogiadas. São as mulheres muito affectuosas, dedicadas e têm a faculdade de prever, com acerto, o futuro.

WALBA (?) — Imaginação viva, graça, agitação, mobilidade constante, prodigalidade, energia, amor ao confortavel, ao luxo, mesmo, ás viagens. Dedução logica, actividade psychica, sequencia nos argumentos e idéas. Altruismo, personalidade bem definida nos traços superiores com que rubrica sua assignatura. Um certo orgulho de que tudo o que faz é rapido e bem feito, não demorando em tomar resoluções e se sahindo, "quasi sempre" bem das maiores difficuldades.

EU (?) — Nota-se orgulho, vaidade, presumpção na sua letra. Alguma reserva, calculo, dissimulação. Pouca impor-

tancia liga ao juizo que possam fazer de si, não dando satisfação alguma dos seus actos a ninguem. Activo, trabalhador, energico; o traço firme com que rubrica sua assignatura é um signal de forte personalidade. No corte dos tt se nota teimosia e espirito combativo e de **revanche**.

VIOLETA (Rio) — Muita sensibilidade, emoção, mobilidade, inquietação, modestia, bondade, reserva, alguma firmeza e teimosia quando se sente contrariada no que pretende.

Impaciencia, curiosidade e vaidade muito natural no sexo gentil a que pertence.

Imaginação fantasista, pouco amor á verdade, economia e prudencia. Amor proprio susceptivel; ciume das proprias amigas; desconfiança nos seus meritos.

AJURICABA (Campo Grande) — Por falta de espaço e por serem muitos os consulentes não é possivel fazer da sua letra o "estudo acurado" que pede.

Direi, entretanto, que se nota actividade, enthusiasmo, precipitação, impaciencia, cultura.

Apezar da firmeza com que age sempre, não tem as resoluções promptas, hesitando ao principio a se decidir, e se arrependendo, ás vezes, intimamente, do partido que tomou.

Reservado nos seus negocios, tem espirito critico e satyrico. Economico, pontual, correcto.

LABINNA (Campos) — Letra quasi semelhante á antecedente, tendo, porém, o autor o genio expansivo, palrador, falando mais do que agindo.

Bondade natural, intelligencia lucida, mais decisão e rapidez nos partidos a tomar.

Elegancia mental. Uma certa displicencia, pouco caso da vida. O horoscopo das pessoas nascidas em 18 de Julho é este: São caprichosas, susceptiveis, boas physionomistas, teimosas, amigas de viajar, embora nem todas possam realizar esse desejo.

Habeis negociantes, cheias de espirito pratico e muita franqueza, apezar de serem generosas, não são muito fieis aos amigos e amigas. Sua economia chega ás vezes á avareza, têm espirito artistico e gostam de parecer bem, com distincção e elegancia. Serão felizes se conseguirem vencer o egoismo, a mania de ostentação e a preguiça.

VAMP (Curityba) — Não ha letras "trabalhosas para estudo", como diz; ha letras "complicadas", ornadas de arabescos desnecessarios, bizarros, o que indica excentricidade, capricho, originalidade, preoccupação de parecer unico, de chamar a attenção sobre si, desequilibrio mental, finalmente. Sua graphia é, além disso, inclinada para a esquerda, o que denota desconfiança, dissimulação, contensão de espirito.

Os traços sinistrogyros revelam egoismo, imperfectibilidade. O côrte dos tt como uma ponta de lança, quer dizer espirito critico, mordaz, sarcastico, ferino...

LUCIA (Rio) — A assignatura "por extenso", ou melhor: a "firma" da pessoa deve vir para melhor estudo; mas poderei dizer alguma cousa da sua letra apenas com aquelle simples nome que póde ser tambem um pseudonymo. Letra ainda em formação, indecisa, hesitante, isto é: pessoa timida, medrosa, ingenua, acanhada.

Vê-se ainda bondade, generosidade, pouco amor á verdade, alegria de viver, um pouco de teimosia e capricho. Ha tendencias para se tornar energica, reservada, de caracter resoluto e firme.

GRAPHOLOGO

FACES ROSADAS

Para que sua face pareça naturalmente corada, não use nunca rouge, carmin, nem outras pinturas, senão exclusivamente carminol em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. O carminol não tem effeito nocivo algum sobre a cutis; dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida, notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de carminol. Tanto em pleno sol, como sob luz artificial, o rosado que produz o carminol é de effeitos encantadores.

MAIS UM CAPITULO ?

Sob a ardente mudez do meu olhar tristonho passaste ha pouco ao pé de mim indifferente. Seguiu-te ao longe o meu olhar occultamente.

Se ha poucos dias atraz (antes da nossa separação) alguem me perguntasse se te amava, affirmaria que não. Entretanto, esta tarde, quando passaste ao pé de mim, ao lado do meu successor, experimentei pela primeira vez esta emoção, perguntando a mim mesmo: Seria amor ? Seria por acaso saudade do meu amor ?

Não sei.

E' bem possivel até seja apenas, o que o grande D'Annunzio chamou "piacer ormai provato".

Mas o que é certo, é que soffri immensamente... gozei egoisticamente este adoravel estado d'alma.

— Ficaste-me querendo mal ?

— Não.

— Deixei-te uma má recordação ?

— Não.

— Devo-te ainda esta grata emoção. Escrevemos mais um capitulo agradavel.

— O ultimo ?

— Sim...

— Por que ?

— Não se deve accender o cigarro apagado...

A mulher era a mesma... O ambiente era outro.

FONTOURA BARRETO

SILENCIO !

"Neste silencio que entre nós existe",
Tenho soffrido tantas emoções,
Que trago sempre o coração tão triste
Na lethargia das meditações.

E vão passando os dias venturosos,
"Neste silencio que entre nós existe",
Como se fossem sonhos vaporosos,
Neste sonhar em que o amor consiste.

Mas, quando a luz do meu olhar insiste
E traz á mim o teu olhar de santa,
"Neste silencio que entre nós existe",
Quanta poesia, quanta luz, ó quanta !

A tua graça, a tua singeleza,
Em genuflexão minh'alma assiste,
Te proclamando typo de belleza !
"Neste silencio que entre nós existe !"

João Baptista Dias.

X A D R E Z

PARTIDA DO PD

Defesa Indiana

Brancas : F. D. Yates;

Pretas : F J Marshall.

P 4 D	1	C 3 B R
P 4 B D	2	P 3 R
C 3 B D	3	B 5 C D
D 2 B D	4	P 4 B D

Este lance não é o melhor. Rubinkower, que o prefere a outras continuações menos activas (P3CD. P3D).

P 3 R	5	....

Este lance não é o melhor. Rubinstein jogou aqui (contra Saemisch, Berlim. 1926) 5 P×P, com a seguinte continuação: 5 B×P; 6 C3BR. C3BD; 7 B5CR, P3CD; 8 P3R. B2R; 9 T1D, P3TD; 10 B2R. etc.

....	5	C 3 B

Talvez fosse melhor P×P, seguido de P3CD. B2C e CD2D, com o intuito de conservar. na ala da D, a configuração habitual.

C 3 B R	6	P 4 D

Bogoljuboff jogou numa partida contra Verlinski, Leningrado. 1925. 6... P3D; obtendo má posição. depois de 7 B2D, O—O; 8 P3DT. B4TD; 9 B3D, etc.

P 3 T D	7	B × C xq
P × B	8	0—0
B 3 D	9	D 2 B
0—0	10	P × P B
P × B	11	P 4 R

Agora as pretas libertam-se completamente da acção do adversario, e obtêm a classica maioria de peões do lado da D.

C × P	12	C × C
P×C	13	D × P
P 3 B R	14	

Para guardar a casa 4R

....	14	B 3 R

Sem duvida, Marshall não julgou bastante energica a continuação 14 ... P3C, seguida de 15 ... B2C.

B ×B	15	P × B

Mais forte teria sido 15. .. D×B; mas a posição de Marshall no torneio obrigava-o a jogar para o ganho. Por sua vez, Yates se encontrava nas mesmas condições

P 4 R	16	T D 1 D
B 3 R	17	P 3 C D
T D 1 R	18	....

Pelos motivos que já mencionamos, Yates evita lances como TD1D, que poderiam levar ao empate.

....	18	T 2 D
P 3 C R	19	T R 1 D
B 4 B R	20	D 4 T R
T 1 D	21	P 5 B D

Para crear um ponto de apoio para a casa 6D

T × T	22	T × T
P 5 R	23	....

Lance de valor duvidoso, porque abandona ao cavallo preto a casa 4D e bloqueia o bispo. Mas Yates receiou, talvez a installação da torre adversa em 3D. Agora o citado cavallo vae fechar a linha.

....	23	C 4 D
D 4 T D	24	T 2 B D
B 2 D	25	D 2 B R
R 2 C	26	D 3 C R
T 1 R	27	P 5 T R
T 4 R	28	R 2 T
P 4 T R	29	....

Não se pode jogar 29 T×P porque as pretas responderiam com D6D e, se 30 T4D, D7R xq

....	29	P 4 T R
D 1 D	30	....

Dada a posição a que se havia chegado, o mais logico era manter o "statuquo", jogando-se, por exemplo, o R, afim de forçar as pretas a esgotar os seus lances. Agora, a D branca, ao deixar o seu posto de observação, dá ás pretas um desafogo.

....	30	P 4 C D
D 2 R	31	T 2 D
B 1 R	32	P 4 T D
D 2 C D	33	D 4 B R

Uma cilada de Marshall: se 34 D×P, T2B e ganham:

D 2 R	34	D 3 C R
R 2 T	35	C 3 C D
B 2 B R	36	C 4 D
B 1 R	37	T 2 B D
P 4 C R ?	38	P 5 C D
P T × P	39	P T × P
P B × P	40	

Igualmente insufficiente seria 40 T×P.

	40	P 6 B
D 1 D	41	P × P C
T × P	42	P 7 P D !
D 1 B D	43	D 6 D
T 1 C R	44	C 5 B R
R 2 B R	45	D × P B
D 3 R	46	T 6 B D

E' evidente que com 46 ... D×D; 47 B×D, C7R, as pretas ganhavam immediatamente. Porém Marshall prefere outro caminho.

D × D	47	T × D
T 1 T D	48	T × B xq
R 3 C	49	C 6 D
P 5 C D	50	T 2 B R

E as brancas abandonam

• • •

PROBLEMA N. 15

L. Schor e J. R Neukomm

1º Premio

"Quem é bom não se mistura"

Pretas 10 Peças

Brancas 14 Peças

Mate em 2 lances

—2B3DR—1p1tP1C1—1PbP3p—1p2P2P—1T1cr3—3Cbp2—2P2P2—4Tc2—

•

PROBLEMA N. 16

L. N. de Jong

1º Premio

"Canja... com ossos"

Pretas 2 Peças

Brancas 5 Peças

Mate em 3 lances

—8—8—6p1—D5P1—3r4—3B4—3B4—3R4—

NOTA

Por motivo de doença, o redactor da secção deixa de responder á correspondencia e de publicar a costumeira "Roupa... na corda".

•

As soluções e os commentarios pódem vir sob pseudonymo, para effeito de publicação, mas é necessario que o solucionista declare tambem o seu verdadeiro nome para que o Redactor da secção saiba com quem trata. Por solução certa creditarei 2 pontos, por "furo" 3 pontos e por solução errada debitarei 5 pontos. O prazo para entrega é a seguinte: Capital 7 e Estados 21 dias. Toda a correspondencia deverá ser dirigida para Carlos Reis, Redacção do "Para todos...". Rua do Ouvidor n. 164 — Rio.

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

APPARECERÁ' MUITO BREVE

O
Grande Concurso
de São João d'"O Tico-Tico"

Confidencias

(INEDITO)

Eu fui contar um dia as minhas penas
Ao velho mar; e as ondas boliçosas,
Pensando que eu diria, essas pequenas
Magoas communs, ou queixas amorosas,

Não quizeram cessar as cantilenas
Que entoavam nas praias arenosas;
Mas, pouco a pouco, immoveis e serenas
Quedaram todas, por me ouvir ansiosas.

E, concluida a narração de tudo,
Mostrou-se o mar (pois nunca tinha ouvido
Historia igual) sombrio e carrancudo

Depois, rolando as gemedoras aguas,
Poz-se a chorar tambem, compadecido
Das minhas fundas, dolorosas magoas.

P. A. THOMAZ.

Viçosa, 17 de Agosto de 1928.

N A
P R A I A
D E
C O P A C A B A N A

Mobiliarios de estylo

Tapeçarias finas

Decorações modernas

65 — Rua da Carioca — 67 — Rio

Off. Graphicas d'"O Malho"